

MINISÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Casa Publicadora Brasileira
- BIBLIOTECA -
TATUI



Quando a morte se aproxima

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Os perigos da liderança

Que coisas podem destruir uma liderança? Uma comissão de avaliação recentemente reunida, pareceu ter acertado o alvo ao enumerar alguns pontos que podem colocar por terra uma liderança que deveria ser eficaz. Esses pontos são seguidos de sugestões práticas:

Falta de credibilidade. Quando líderes agem diferentemente daquilo que falam, o povo perde a confiança neles. Se minha vida não se harmoniza com minha pregação, as pessoas finalmente não vão acreditar em minhas palavras. Um bom remédio para isso, além da óbvia necessidade de um relacionamento íntimo com Deus, que é a solução para tudo, é que o líder tenha um código de ética e seja fiel a ele. Liderança situacional nunca deve significar ética situacional.

Incompetência. Por alguma razão, alguns pastores chegam a alcançar um nível de competência pelo qual jamais lutaram. Então, os ideais e alvos que uma vez foram elevados repousam agora na segurança dos acumulados anos de serviço, e eles começam a abandonar a excelência para entrar no caminho da mediocridade. É preciso desenvolver sempre uma atmosfera de crescimento. Quebre a rotina, resista à monotonia. Crie algo novo e diferente em seu ministério.

Perda de visão. Aqueles que não podem ver além do imediato, raramente se preparam para o amanhã. Alguns permanecem focalizando no presente, quando poderiam, e deveriam, avançar para o futuro. Wayne Gretzky, astro do hóquei, descreve o sucesso como patinar para onde o alvo estará, não onde ele está. Antecipe o futuro e persiga-o. Outros o seguirão.

Egoísmo. Certos líderes facilmente desenvolvem uma atitude interesseira. "Que vantagem posso tirar disso?" torna-se seu lema principal, enquanto se esquecem da liderança que serve. Esses lutam somente pela grandeza pessoal. Mas Jesus é o nosso modelo de líder. Enquanto Seus discípulos lutavam pelo topo, Ele mostrou a grandeza de servir. Pregue Filipenses 2, primeiro para si, e depois para os membros.

Sobrecarga. Você nunca fará tudo o que poderia e, raramente, tudo o que deveria. Sua liderança pode estar sendo destruída por querer concentrar nas mãos as infindáveis urgências, em detrimento do importante. Equilibre as prioridades. Determine o que você pode realizar e então persiga a excelência, sem ser tragado pelo urgente trivial.

Exclusivismo. Ninguém se ofende por sentir-se apenas "um na multidão" até que se sinta excluído. Evite a armadilha de associar-se e dar ouvidos apenas àqueles do seu círculo íntimo. Sua atenção ministerial deve ser estendida a todos. Seja imparcial. Busque a todos os que podem ser recrutados, e treine-os para o serviço. Modele-os até que sejam efetivos e, então, encoraje-os a treinar outros.

"Panelinha." Pastorear não é um trabalho feito com cartas marcadas. Comissões formadas apenas com os amigos, brevemente se tornarão cheias de delatores. Nada destrói mais a criatividade do que a unanimidade absoluta. Ouça aqueles que têm sugestões diferentes. Ouça os críticos. Não tema eleger aqueles que buscam desafios. Pastoreie-os também.

Falta de senso comum. Se você não quiser, não conseguirá. Nada supera a simples praticidade. Muitos líderes perseguem o impossível, deixando passar milhares de oportunidades para fazer o possível. Esteja seguro de que quer mesmo levar avante um plano. Busque conselho confiável. Provavelmente, um determinado plano não será executado com êxito porque isso já está enraizado em sua mente. Examine cuidadosamente qualquer idéia. Não confunda estupidez com virtude.

Desintegração entre fé e vida. Se os crentes não recebem o impacto do desempenho de minha vocação, talvez seja porque eu mesmo não creia nela. Experimente, e depois ensine, o impacto do evangelho em sua vida diária e seu trabalho. — James Cress.

MINISTÉRIO

Casa Publicadora Brasileira

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

BIBLIOTECA -

Ano 67 - Número 05 - Set./Out. 1996 - Periódico Bimestral **TATUI**
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

ARTIGOS

9 PRODUZINDO IDÉIAS PARA
SERMÕES
Berndt D. Wolter

12 QUANDO A MORTE SE
APROXIMA
Penny Shell

16 ESTUDO DAS GENEALOGIAS
BÍBLICAS
Elias Brasil de Souza

19 RETRATO DE UM MINISTRO
INCONVERSO
Almir A. Fonseca

22 REFLEXÕES SOBRE O LIVRO
DE ESDRAS
Shichiro Takatohi

SEÇÕES

2 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO
OS PERIGOS DA LIDERANÇA
James Cress

4 ENTREVISTA
TRABALHO PASTORAL É
PRIORIDADE MÁXIMA
Jesuino Gomes da Silva Filho

23 PASTOR
A ARTE DE REPREENDER
Miguel Angel Nuñez

26 AFAM
FILHOS DE PASTORES E
APOSTASIA
Carole Brousson Anderson

32 BIBLIOTECA DO PASTOR

Diretor Geral: Wilson Sarli;
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa;
Editor: Zinaldo A. Santos;
Editor de Arte: Wilson de Almeida;
Revisoras: Ildete F. Silva e Mercedes Campos;
Diagramação: Josias Silva;
Colaboradores Especiais: Alejandro Bullón;
José M. Viana;
Colaboradores: Antônio Moreira; Mário Valente;
Jeffé Carvalho; Izéas Cardoso.
Capa: William de Moraes

Todo artigo ou correspondência para a
Revista **MINISTÉRIO** deve ser enviado para o seguinte
endereço: Caixa Postal 12-2600 - 70279-970
Brasília, DF.



**CASA
PUBLICADORA
BRASILEIRA**

Rodovia SP 127 - km 106 - 18270-000
Tatui, SP.

3835

Trabalho pastoral é prioridade máxima

Pernambucano de Escada, o Pastor Jesuíno Gomes da Silva Filho tem 49 anos e concluiu o curso teológico no Educandário Nordestino Adventista, ENA, em 1971. No ano seguinte iniciou suas atividades ministeriais na Missão Costa-Norte, onde permaneceu até 1986, atuando como obreiro bíblico, pastor auxiliar da Igreja Central de Fortaleza, e pastor distrital em Imperatriz, Santa Inês, Bacabal e Igreja Central de São Luís, MA. Naquele ano, aceitou um chamado para a igreja do Marco, em Belém, PA, na Missão Baixo-Amazonas. Em 1988, foi para a então Missão Bahia, hoje Associação, onde pastoreia o distrito da Pituba, em Salvador, depois de liderar a Igreja Central da capital baiana. Concluiu o Mestrado em Teologia, no Salt-IAE, em 1984.

É casado com a irmã Maria do Carmo da Silva, a quem descreve como "uma mulher maravilhosa, comunicativa, compreensiva, equilibrada, paciente e muito espiritual". Ao apoio da esposa, o Pastor Jesuíno credits "grande parte do êxito ministerial", afirmando que "uma esposa de pastor não ajuda somente quando exerce muitas atividades na igreja, mas, principalmente, quando pode chorar com o esposo entre o alpendre e o altar, nas horas de angústia". O casal possui duas filhas: Ana Quênia, estudante de Fisioterapia na Universidade de Santo Amaro,



Unisa, em São Paulo; e Ana Queila, formada em Direito, pela Universidade Católica de Salvador, em 1994, e juíza da comarca de João Dourado, BA. Ela assumiu a magistratura após obter aprovação entre os 30 primeiros classificados de um concurso do qual participaram 2.300 candidatos. "Sinto-me profundamente grato a Deus pela família que tenho", diz o Pastor Jesuíno.

De Salvador, ele falou à revista Ministério:

MINISTÉRIO: *Em que momento e circunstâncias se sentiu chamado para o trabalho pastoral?*

PASTOR JESUÍNO: *Durante minha adolescência, eu sonhava ser um padre, devido à influência da herança religiosa familiar. No entanto, meus pais se tornaram batistas, em 1962. Dois anos depois, conheci a Igreja Adventista, graças a uma série de conferências realizada na cidade de Primavera, PE, pelo Pastor Sebastião Silva, e fui batizado. Abandonei então a idéia do sacerdócio católico, substituindo-a pelo desejo de ser um advogado. Na noite do dia 5 de dezembro de 1966, lembro-me bem, às 23h00, eu estava orando intensamente ao Senhor, buscando Sua direção quanto à carreira profissional que deveria seguir. Estava em Recife, no bairro do Curado. Foi então que senti a forte convicção de um chamado ao mi-*

nistério evangélico, apelando tão veementemente às minhas emoções, produzindo um sentimento somente comparado ao que experimentei no dia da minha conversão a Cristo. Quando saí dali, já não tinha mais dúvidas de que seria um pastor.

MINISTÉRIO: *Como se sente hoje, sendo sempre um pastor distrital?*

PASTOR JESUÍNO: Plenamente realizado e feliz. Naturalmente, nem tudo é um mar de rosas. Há muitas dificuldades por trás das cortinas de um pastorado distrital. Mas estou convencido de que em todos os ofícios estão misturados prazeres e desgostos, alegrias e tristezas. De modo que aprendi a superar as coisas desagradáveis do meu ministério. Falando com sinceridade, gosto de preparar meus sermões e pregá-los; gosto de dar estudos bíblicos e ver pessoas tomando decisões ao lado de Jesus; gosto

de visitar os irmãos, exercendo a função de conselheiro, orientador, professor de Bíblia, juiz de paz, etc. Fascina-me a oportunidade de contribuir para dar sentido e alegria à vida de crentes frustrados e desanimados. No início do meu ministério eu não gostava de realizar funerais, especialmente no interior do Maranhão, onde era costume o pastor ter de permanecer no velório a noite inteira. Hoje, mesmo num funeral, vejo uma oportunidade de servir aos irmãos e a Deus.

MINISTÉRIO: *O senhor acha justos os critérios usados para avaliar o sucesso de um pastor, tais como alvos de batismo, construções, recolta, etc.?*

PASTOR JESUÍNO: Em parte, sim. Mas quando esses critérios de avaliação do trabalho de um pastor são usados em detrimento da importância de outras atividades que também resultam em salvação de almas, então vejo desequilíbrio. Não nos critérios em si mesmos, mas na forma como são usados muitas vezes. Ora, nem todas as pessoas possuem os mesmos dons. Nem todas cabem numa mesma moldura. Todos nós cremos que a prioridade do trabalho pastoral é a salvação de almas. Acontece que, geralmente, limitamos esse conceito ape-

nas ao ato de doutrinar um descrente e levá-lo ao batismo, quando na verdade é mais que isso. Quando um pastor gasta horas tentando resgatar um crente desanimado, magoado ou mesmo já afastado; quando ele investe dias e semanas tentando reconciliar um casal em crise conjugal, ou solucionar um conflito entre pais e filhos; quando um pastor toma tempo para dar atenção a um jovem que está sendo arrastado pela fascinação do mundo; está salvando almas, da mesma forma que o faz pela recepção de um novo crente que foi batizado. A diferença é que esse último caso figura como item de avaliação numérica, e os outros não aparecem nos relatórios.

MINISTÉRIO: *Qual o seu critério para avaliação do sucesso pastoral?*

PASTOR JESUÍNO: Bem, eu não tenho um critério pessoal, embora defenda a idéia de

que se deveria avaliar o sucesso de cada pastor pelo que ele realmente é e consegue realizar dentro dos seus limites e habilidades, e sua dedicação em alcançar seus objetivos pessoais na conquista de almas para o reino de Deus. Note que quando lemos sobre Calvino, Lutero, Spurgeon, Moody, Wesley, Billy Graham,

Paul Yonggi Cho, e outros ministros do passado e de hoje, ficamos maravilhados e os consideramos pastores de sucesso. Mas, esquecemo-nos de que cada um encontrou seu próprio caminho. E não foi diferente na era apostólica. Pedro alcançou sucesso entre os da circuncisão, e Paulo entre os da incircuncisão. Todos foram bem-sucedidos porque o mesmo Espírito que operava eficazmente em Pedro, também operava em Paulo. Penso que não deveria ser diferente no ministério adventista. O problema é que imaginamos que todos devem caber dentro de um mesmo modelo e produzir a mesma coisa. Não creio que Deus nos avalie dessa maneira.

MINISTÉRIO: *Qual o momento mais gratificante e o mais espinhoso do trabalho pastoral?*

PASTOR JESUÍNO: O mais gratificante mesmo é ver pessoas sendo transformadas pela operação do Espírito Santo, tanto na ex-

Deus usa a todos, e de maneiras diferentes. Não podemos imaginar que todos cabem dentro de um mesmo modelo e devem realizar a mesma coisa. Não é assim que o Senhor nos avalia.

periência de conversão dos descrentes, como na de regeneração dos crentes. Eu me sinto muito feliz em acompanhar esse crescimento espiritual da igreja. Por outro lado, não há momento mais amargo, para mim, do que resolver contendas entre os irmãos e disciplinar membros faltosos, especialmente quando isso implica exclusão.

MINISTÉRIO: *Que prioridades, a seu ver, o pastor deve estabelecer para sua vida e seu trabalho?*

PASTOR JESUÍNO: Penso que cada pastor tem sua própria ordem de prioridades. Particularmente, tenho dois blocos de prioridades: um geral e outro específico. No primeiro caso, coloco meu relacionamento com Deus, o exercício do ministério e a família. Tudo com equilíbrio e alguma flexibilidade. Às vezes ocorre a necessidade de alterar compromissos ministeriais para atendimento à família e vice-versa. Já no bloco das prioridades específicas, que se referem exclusivamente ao trabalho, em primeiro lugar está aquilo que é de ordem extremamente espiritual na salvação de almas: visitas pastorais, estudos bíblicos, reuniões administrativas, estudo e preparo de sermões. Em segundo lugar, vem o que é de ordem material, como construções, atividades sociais e serviços burocráticos. E, finalmente, atividades seculares em geral, negócios pessoais, etc.

MINISTÉRIO: *O senhor sempre foi reconhecido e apreciado como um pastor visitador de casa em casa. Como vê esse aspecto do trabalho, hoje, num mundo de alta tecnologia e modernização?*

PASTOR JESUÍNO: Essa é uma tarefa de suprema importância para o pastor. A igreja sente falta quando ela não é realizada de forma periódica e constante. Abracei esta bandeira desde o início, tornando-a uma das principais atividades do meu ministério. Com

exceção dos sábados e das segundas-feiras, não consigo me sentir bem se, ao fim do dia, não tiver realizado pelo menos uma visita pastoral, a menos que haja uma razão fortíssima como viagem, ou participação em concílios.

Sei que a vida moderna dificulta muito esse trabalho, mas não o exclui. Na verdade, nunca consegui visitar a todos os membros de um distrito, mas jamais deixei de visitar os membros da igreja. No Maranhão, cheguei a ter um distrito com cinco igrejas organizadas, 33 grupos e famílias isoladas. A visitação acontecia onde eu estivesse presente. Mesmo no meu atual distrito, numa capital onde a vida é agitada, tenho em meu fichário mais de 700 pessoas

cadastradas, às quais consegui visitar num período de dois anos e meio.

MINISTÉRIO: *Que tal a qualidade da nossa pregação?*

PASTOR JESUÍNO: Eu concordo quando se diz que ela precisa ser melhorada. É preciso pregar mais a Palavra e fazer menos promoção. Todo pastor deveria elaborar um calendário de sermões. Às vezes explora-se demasiadamente um assunto em detrimento de outros que nunca são mencionados. Isso sempre me preocupou. Confesso que nos seis primeiros anos de ministério eu era desorganizado nesse aspecto. Mas algumas igrejas, como a Central de São Luís, Central de Fortaleza e Marco (em Belém do Pará) me ensinaram a organizar e aperfeiçoar o calendário de sermões, primeiro semestral; depois, anual. Em 1989, já em Salvador, tendo como base a doutrina da salvação, consegui organizar uma "Árvore Homilética do Santuário", com quatro principais "galhos": Trindade, Criação, Pecado e Salvação. Partindo desses "galhos", foram esquematizados 200 sermões, abordando todos os principais pontos doutrinários, éticos e teológicos da fé adventista, os quais foram apresentados equilibrada

e racionalmente, num período de quatro anos. Sem dúvida ainda é preciso melhorar mais.

MINISTÉRIO: *Tendo pastoreado muitas igrejas grandes, como o senhor consegue mobilizar o povo para o trabalho missionário?*

PASTOR JESUÍNO: Certa vez, pastoreando a Igreja Central de São Luís, recebi a visita do Pastor José Bessa, então evangelista da Divisão Sul-Americana. Era um sábado e a igreja estava superlotada. No final do culto, ele me disse: "Esta igreja não tem mais para onde crescer, a menos que você tire daqui uns 60 irmãos e os coloque noutra lugar." Foi o que procurei fazer. Seis meses depois, 60 irmãos foram para um bairro formar uma igreja. Depois, outro grupo, mais outro e mais outro, e surgiram várias igrejas em bairros diferentes. A mesma estratégia foi seguida noutros lugares, e ainda no meu atual distrito da Pituba, com resultados positivos. Descobri, assim, que o melhor método é o de penetrar em novos bairros, organizar, treinar e motivar equipes de irmãos para fazê-lo.

MINISTÉRIO: *Por que, a seu ver, a maioria dos membros ainda permanece à margem das atividades missionárias?*

PASTOR JESUÍNO: Penso que, em parte, isso acontece pelo próprio contexto profético laodiceano em que se encontra a Igreja. Apesar das constantes mobilizações, programas de treinamento e apelos por parte dos líderes, parece não haver a resposta esperada. Temos liberdade religiosa e portas abertas por todos os lados, mas estamos bloqueados por outros obstáculos piores que a falta de liberdade. Parece-me, também, que não temos conseguido motivar a igreja com nossos métodos tradicionais, em contraposição aos desafios da vida moderna. Precisamos, como Igreja, descobrir novos caminhos. Atualmente, presenciamos o surgimento de um grande esforço em torno dos pequenos grupos missionários. Acho que isso pode dar certo, porque parece ajustar-se bem à nossa situação. Contudo, minha grande esperança é que venha um reavivamento abrindo o caminho para a Chuva Serôdia, a qual reacenderá completamente nosso zelo missionário.

MINISTÉRIO: *E as igrejas praticamente vazias nas noites de domingo? O que pode ser feito para melhorar a frequência desta programação evangelística?*

PASTOR JESUÍNO: Acredito que uma boa programação, recheada de músicas, ilustrações, recursos audiovisuais, e apresentação de temas cristocêntricos, proféticos ou doutrinários, em série, ajudará bastante a trazer membros e visitas à igreja, nos domingos à noite. Também é válida a apresentação de um estudo exegético bem planejado de um livro da Bíblia, como Daniel, Romanos ou Gálatas. Tendo o pastor ou outra pessoa bem preparada como orador regular, com certeza os bancos vazios desaparecerão. Sei que em alguns lugares nem sempre é possível encontrar essa pessoa bem preparada, e nem o próprio distrital pode ser esse conferencista sistemático, sem sacrificar outras igrejas do seu distrito. É aí que entra a necessidade de se treinar líderes voluntários para o trabalho.

MINISTÉRIO: *O senhor acha que é possível um pastor realizar série de conferências, construir igrejas e, ao mesmo tempo atender às necessidades do rebanho, de maneira satisfatória, durante um ano?*

PASTOR JESUÍNO: Sim, desde que não seja exigido dele resultados como de um especialista. Costumo dizer que o pastor distrital é um clínico geral, com especialidade em pastorado. Ele pode e deve fazer as outras atividades próprias do ministério, mas sem esquecer-se de que sua principal função é a de ser pastor e cuidar do rebanho. Então, dentro dos seus limites deve ir desenvolvendo todas as áreas.

MINISTÉRIO: *Que tipo de líder o pastor deve ser, em relação aos seus oficiais e membros da igreja?*

PASTOR JESUÍNO: O pastor deve ser um exemplo de sinceridade, honestidade, equilíbrio e maturidade. Acima de tudo, deve ser um homem espiritual e jamais perder o bom senso diante de seus liderados. Deve saber respeitar a dignidade dos outros, agindo sempre democraticamente, com muita lisura, sem manipulações. Deve exercer uma liderança partilhada, onde exista fusão de pensamentos, harmonia de idéias e equilíbrio de forças, prevalecendo sempre a unidade de decisões. A igreja de hoje não aceita mais líderes autoritários e centralizadores.

MINISTÉRIO: *Como pastor, e falando também por sua família, o que espera dos administradores, departamentais e do secretário ministerial?*

PASTOR JESUÍNO: Muita compreensão,

apoio, companheirismo e confiança mútua. Acima de tudo, espero que sejam pastores, capazes de sentir como pastores, e não meros administradores e promotores empresariais. Há momentos na vida de um pastor distrital em que ele precisa de apoio pastoral, vai em busca disso e volta desapontado. E não há nada mais intragável na vida de qualquer ser humano, do que uma frustração causada por alguém de quem se esperava apoio e compreensão. Felizmente, a bem da justiça, tenho tido o privilégio de trabalhar com bons administradores e departamentais, homens abertos ao diálogo, amigos, respeitáveis, democráticos e compreensivos. Mas, há pessoas que atrás da escrivinha administrativa perdem a capa de pastor e se revelam líderes imaturos e vulneráveis em sua função.

MINISTÉRIO: *Como o senhor vê a Igreja Adventista no limiar de um novo século?*

PASTOR JESUÍNO: Vejo-a como um movimento triunfante, apesar das dificuldades ao longo do caminho. Vejo-a entrando no mundo dos modernos meios de comunicação para levar avante a comissão evangélica que recebeu, portanto, mais leal que nunca à missão. E nem poderia ser diferente, pois tem sido e continuará sendo dirigida pela mão divina. Não tenho percebido incoerência no trato com princípios, nem creio que o Senhor vá permitir que sejamos desviados da verdade. Finalmente, vejo a Igreja fechando o círculo ao redor do mundo através da Missão Global, quase dizendo como os cristãos no passado: "O evangelho foi pregado a toda criatura debaixo do sol." (Col. 1:23).

MINISTÉRIO: *Que perigos o senhor consegue ver rondando a Igreja nos dias atuais?*

PASTOR JESUÍNO: Eu citaria o mundanismo e o secularismo. Quando digo mundanismo, estou me referindo a tudo o que se relaciona com o mundo material presente com todas as suas tendências e fascinações. E quando menciono secularismo, refiro-me a tudo o que tende a nos separar de Deus, centralizando no homem os resultados e sucesso

de seu trabalho. O secularismo transforma o sobrenatural em casualidade, e faz do homem o seu próprio centro. Dessa forma, podemos ser tentados a imaginar a Igreja como uma empresa, e confiarmos mais em nossos métodos de trabalho do que na verdadeira dependência do Espírito Santo.

MINISTÉRIO: *Diante disso, qual, em sua opinião, a maior necessidade da Igreja, hoje?*

PASTOR JESUÍNO: Um verdadeiro reavivamento capaz de nos habilitar a receber a plenitude do poder do Espírito Santo. Quando vejo o crescimento da apostasia entre jovens e adultos; quando vejo famílias e casais se esfacelando; quando vejo igrejas definhando em seu zelo missionário, com bancos vazios, incapazes para a ação evangelizadora, sinto-me como se estivesse sendo despojado de minhas funções pastorais por incapacidade pessoal. Então, me volto para o Senhor e pergunto: "Por que sou tão frágil diante desta situação? O que estou fazendo como pastor que não consigo minorar o problema? Por que está demorando tanto a plenitude do Espírito Santo?"

MINISTÉRIO: *Qual o seu maior sonho, como pastor?*

PASTOR JESUÍNO: Ver esta Igreja feliz e vitoriosa jundo ao mar como que de vidro, com as harpas de Deus, cantando o cântico de Moisés e do Cordeiro.

MINISTÉRIO: *Que mensagem gostaria de transmitir aos leitores?*

PASTOR JESUÍNO: Que jamais temam, tampouco se assustem com as ameaças do inimigo. Que não se assombrem nem se desanimem diante dos obstáculos da tarefa de liderar, seja como pastores, anciãos, ou em quaisquer outras instâncias. Jamais

percam seu senso de pertinência e de missão. Que sejam firmes como a rocha, diante das tentações, e rijos como o granito, diante das adversidades. Jamais, por nada no mundo, soltem os braços de Cristo. Que nunca abram mão de sua confiança na providência de Deus.

Há momentos na vida de um pastor distrital em que ele precisa de apoio pastoral, vai em busca disso e volta desapontado. Nada existe mais frustrante do que essa experiência.

Produzindo idéias para sermões

BERNDT D. WOLTER

Estudante de Teologia do Salt-IAE.

James Webb Young, em seu livro intitulado *A Technique for Producing Ideas*, trata de como produzir idéias em um escritório de propagandas. Alguns dos pensamentos apresentados podem muito bem ser aplicados ao trabalho do pastor, ao este defrontar-se com a necessidade de produzir idéias que o auxiliem no preparo de sermões. Analisaremos, neste artigo, algumas das sugestões de Young.

A argumentação do autor é desenvolvida com base na Teoria de Pareto, a qual discute a existência de dois tipos de pessoas: o rotineiro e o especulador. O tipo rotineiro é aquele que se preocupa principalmente em manter as coisas como estão. Devem estar funcionando da mesma maneira todos os dias. Não se preocupa com inovações, criatividade, mudanças. Já o tipo especulador está constantemente buscando novas possibilidades. Deseja experimentar novas coisas. Sua natureza é reflexiva. Pareto inclui nesse tipo todos os indivíduos que nunca estão satisfeitos e especulam sobre como mudar o *status quo*, em qualquer ramo de atividade.

A teoria admite esses dois grupos, sem esclarecer se há possibilidade de migração das pessoas, de um grupo para o outro.

Dois princípios

O processo da produção de idéias baseia-se em dois princípios: primeiro, uma nova combinação dos velhos elementos. Combinar de uma nova maneira as velhas e seguras verdades bíblicas pode ser um dos trabalhos mais significativos desse pro-

cesso. Para conseguir maior eficiência no desenvolvimento desse fator, teremos que aplicar alguns métodos que serão discutidos mais adiante.

O segundo princípio envolve a capacidade de ver relações. E parece mais importante que o princípio anterior. Consiste na capacidade de combinar velhos elementos com novos, adicionada à habilidade de estabelecer relações entre o antigo e o novo.

É nesse ponto que as mentes se diferenciam em maior grau quando se trata de produção de idéias. Para alguns raciocínios, cada fato é um pedaço separado de conhecimento. É o chamado raciocínio estanque. Para outros, os fatos se entrelaçam numa cadeia de conhecimento, onde é possível enfatizar-se relações, similaridades, contrastes, extrapolações. Quando relações são detectadas, elas conduzem ao surgimento de um princípio geral. Esse, quando entendido, dá a chave de uma nova aplicação, uma nova combinação, e o resultado é uma idéia.

Conseqüentemente, o hábito mental que nos leva à busca das relações entre elementos, torna-se da maior importância na produção de idéias. Não há dúvida de que esse hábito precisa e pode ser cultivado.

Na produção de idéias, a mente segue uma técnica definida, consciente ou inconscientemente. Ela pode ser cultivada e aumentar, conseqüentemente, a habilidade em produzir idéias. Essa técnica mental compreende cinco fases, que, em algum momento da vida, já foram utilizadas por nós. A mente segue estas cinco fases em ordem definida, não havendo a possibilidade de que uma seja completada antes da outra.

Primeira fase

Na primeira fase, a mente precisa recolher material. Embora pareça óbvio e simples, essa tarefa pode ser tão penosa que alguns a evitam a maior parte do tempo. Preferem distrair-se com outras coisas. Esperam que lhes chegue a maravilhosa e tão desejada iluminação. É claro que o Espírito Santo nos auxilia, mas é aqui que podemos cair na mesma tentação do aluno que ora, pedindo auxílio para o exame a que será submetido, depois de haver passado a tarde ou o dia anterior envolvido com brincadeira e diversão.

Esse é momento de trabalho sistemático e persistente, no sentido de recolher matéria-prima. O material a ser recolhido pode ser classificado como específico e geral.

No trabalho pastoral, os materiais específicos estão ligados a nossa denominação, às características de nossa congregação ou departamento, ao nosso público alvo. E aqui devemos ter em mente a relação produto-consumidor. O produto refere-se ao conteúdo a ser transmitido. Em nosso caso, é o conhecimento da Bíblia, dos escritos de Ellen White, da história denominacional e congregacional, Manual da Igreja e, sobretudo, de algo que não será ressaltado em nenhuma produção literária humana, que é uma relação pessoal com Cristo.

O consumidor é o ouvinte. Devemos conhecer a natureza humana, suas fases com as respectivas tendências e provações. Devemos conhecer algo sobre personalidade e temperamento. Devemos conviver tão intimamente com o povo, que possamos ler suas necessidades, preocupações, lutas, tristezas, bem como suas realizações, alegrias e vitórias.

Alguns pastores agem como se todas as pessoas fossem iguais e não existissem grandes diferenças entre os membros. Frequentemente paramos muito cedo no processo para chegar ao conhecimento do produto e do consumidor. Se em alguma área as diferenças superficiais não são muito claras, con-

cluímos que elas não existem. Se cavarmos fundo, porém, ou formos mais longe, estaremos mais próximos de descobrir que entre cada parte de nosso produto (o evangelho eterno) e alguns consumidores (membros ou interessados) há uma individualidade de relação que pode levar a uma idéia.

Outrossim deve haver um contínuo recolhimento de material geral. Todas as pessoas que têm grandes idéias são marcadas por dois traços notáveis. O primeiro deles é o interesse por todo tipo de assunto. Cada faceta da vida

se lhes afigura fascinante e atrativa. O segundo traço é o fato de que estão sempre folheando livros, jornais e revistas à procura de informações sobre novos campos de conhecimento.

No trabalho pastoral, uma idéia resulta de uma nova combinação de conhecimento específico sobre o evangelho e o rebanho,

com conhecimento geral sobre a vida e fatos colhidos pela experiência. O Espírito de Deus sempre auxilia em tais combinações

Segunda fase

Essa é a etapa onde ocorre o que podemos chamar de digestão mental. Se foi feita uma boa coleta de material, agora é necessário mastigá-lo. Estejamos lembrados de que o ponto de partida é sempre a reunião de provas bíblicas. E, em seguida, a busca de relações, ou seja as lições nas quais tudo se ajustará numa combinação perfeita. A oração é fundamental aqui.

Quando as pessoas criativas entram nessa fase do processo, logo serão tidas como ausentes, meio aéreas. Algumas idéias parciais poderão vir à tona. Não importa quão exóticas ou incompletas pareçam, devem ser anotadas. Elas são contornos da idéia central que está chegando, e sua expressão irá ajudar a avançar no processo. Pode acontecer um sentimento de cansaço, durante a realização dessa tarefa, mas a mente também dispõe de um segundo fôlego. Tentemos aproveitar essa segunda camada de energia, não

esquecendo de continuar anotando todas as idéias parciais que aparecerem.

Terceira fase

Na terceira fase, a mente precisa descansar do esforço. Dizem os humanistas que essa é a fase em que o problema deve ser entregue ao subconsciente. Nós o entregamos ao bom Deus, que, pelo trabalho do Espírito santo, nos iluminará com pensamentos vindos do Céu. Aqui, devem ser bem aproveitados os períodos de sono, preferivelmente as oito horas recomendadas.

Deixando um pouco o assunto de lado, devemos nos dedicar a outras atividades estimuladoras da imaginação e das emoções. Ouvir música, ler poesias e histórias, pode ajudar muito.

Quarta fase

Cumpridas as três primeiras fases do processo de produção de idéias, elas aparecerão de algum lugar. Às vezes, chegam quando menos esperamos – na hora do banho, no momento de fazer a barba, ou de madrugada. Podem até surgir no meio da noite, quando o sono se vai por alguma razão. Vamos anotá-la sem perder tempo.

Arquimedes descobriu que dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço, ao mesmo tempo, quando ia banhar-se na banheira e a água derramou-se quando ele entrou. Num ímpeto, saiu correndo despedido e grito: "Eureka! Eureka!" É justamente esse o nome que deveria ser dado a essa fase – "eureka".

Quinta fase

Os pregadores têm pouca oportunidade de colocar em prática essa fase, em sua totalidade. Depois de ter passado pelo êxtase do nascimento da nova idéia, é necessário pegá-la e trazê-la à realidade. Ao fazermos isso, perceberemos muitas vezes que não se trata de uma criança tão maravilhosa como parecia ao nascer.

É necessário agora um trabalho paciente para fazer com que as idéias sejam encaixadas nas condições exatas, reais. E aqui muitas idéias acabam se perdendo. Homens de idéias, como os pregadores, nem sempre têm paciência suficiente para atravessar esse período duro de adaptação. Mas essa fase deve ser cumprida.

Não cometamos o erro de sentar em cima da idéia surgida. Devemos submetê-la à crítica de pessoas ponderadas e de pensamento construtivo, como a esposa, por exemplo. Submetamo-la ao crivo perscrutador da Bíblia e dos escritos de Ellen White. Testemo-la em condições de baixo risco e busquemos a opinião de pessoas confiáveis, que entendam o que seja uma experiência de produção de idéias.

Nessa fase, algumas idéias vão se mostrar meras fantasias. Não devemos desistir, porque são muitas as que, depois de adaptadas à realidade, produzirão frutos maravilhosos.

Dar tempo

A pesquisa para o sermão precisa ser iniciada cedo, na semana, ou até com algumas semanas de antecedência para que os elementos possam ser reunidos. Todo esse processo leva tempo para que seja realizado sem prejuízos. As ilustrações, as aplicações e até o conhecimento da realidade da congregação são obtidos durante o trabalho de visitação pastoral, e pela experiência do próprio ministro, ao longo dos dias que antecedem o sermão.

Os ruídos na comunicação podem ser diminuídos com idéias bem digeridas e bem aplicadas às particularidades do rebanho. A mensagem assim preparada não chega distorcida ao adorador, e a adoração a Deus não sofre danos.

Agindo com antecipação, o pregador evita perder a credibilidade tão necessária para alcançar os corações. Sua utilidade como ministro de Deus e sua influência para o bem se multiplicam em favor dos adoradores e interessados na mensagem.

Na prática, podemos observar que existem sermões que jamais poderão ser elaborados antes de termos vivido o suficiente. A experiência como pais, esposos, pastores bem como o ciclo natural dos anos, ajudam a encher o reservatório. Isso somente não ocorrerá se nos recusarmos a viver racional, emocional e plenamente. Dotados de mais experiência, podemos adaptar as idéias já concebidas.

O processo de produção de idéias pode ocorrer nas mais variadas ocasiões, quando se vive em plena criatividade. Por tal processo, têm sido encontradas soluções verdadeiramente geniais para os problemas da vida prática.

Quando a morte se aproxima

PENNY SHELL

*Capelão do Shadt Grove Adventist Hospital,
Rockville, Maryland.*

“Pastor Jon”, clamava a voz aflita de Karin, no outro lado da linha telefônica, “eu estou chamando do hospital. O diagnóstico de Devin acusou leucemia. Seu médico quer iniciar logo o processo de quimioterapia, de modo que ele permanecerá aqui algum tempo mais. Eu não disse a ele que lhe telefonaria, mas pensei que o senhor deveria ser informado. Não estou certa de que o senhor deva visitá-lo. Não quero assustá-lo. Eu...”

Jon interrompeu Karin para dizer que logo estaria no hospital. Devin não era apenas um membro da igreja, mas seu amigo. Ambos eram quarentões e tinham filhos adolescentes. Habitualmente um pastor calmo, Jon agora estava surpreso com a revolução de seus sentimentos. Ele realmente estava com a cabeça prestes a explodir, enquanto lutava consigo mesmo, tentando acalmar-se e concentrar-se.

Ali sentado, Jon deparou-se com um crescente sentimento de surpresa pelo fato de que ele, e não o pastor titular, tivesse sido chamado. Sim, era-lhe agradável que Karin e Devin pudessem contar com ele para cuidar das coisas. Levantou-se, e foi até à porta. Deveria assegurar-lhes e a si mesmo de que, de certa forma, finalmente tudo estaria bem com Devin. Tomaria sua Bíblia e a usaria para recuperar a fé e a confiança do casal. ... Mas, será que tal aproximação realmente ajudaria? O que diz você a alguém que acaba de saber que está com leucemia?

O diagnóstico de uma doença incurável sempre nos causa impacto. Sentimo-nos como se estivéssemos viajando num trem que subitamente se choca com algum obstáculo escondido pelo nevoeiro. O impacto é devastador para as pessoas mais diretamente envolvidas, mas também cria certa desorientação e estresse nos pastores.

Em nosso contato inicial com a família, é natural que aconteça uma certa explosão de adrenalina, mas com o passar dos dias, semanas e meses, necessitamos apoio, habilidade e força espiritual, para continuar pasto-

reando com poder, sensibilidade e carinho.

Como, então, podemos estar preparados para ministrar ao doente terminal?

Preparação pessoal

Prestar atenção ao nosso próprio viver pode parecer uma maneira estranha de começar, mas a qualidade de nosso ministério está diretamente proporcional ao cuidado responsável de nós mesmos. Podemos encontrar ajuda ao escrever nossa resposta pessoal a cada uma das seis questões seguintes:

* *O que sei sobre como trabalhar com doentes terminais?* Teoria e prática são fatores altamente necessários para ajudar-nos a aprender. Uma boa maneira de começar é tomar aulas sobre intervenção em crises, doença e morte. Certamente, uma das formas mais eficazes nesse sentido seria a realização de cursos de Educação Contínua sobre o assunto.

* *Qual a minha visão a respeito de doenças graves?* Se nós, ou qualquer pessoa em nossa família, alguma vez fomos acometidos de alguma enfermidade séria, estamos em condições de analisar como a doença afeta uma pessoa e nosso relacionamento com ela. Se, por outro lado, ainda não tivemos a oportunidade de ser uma testemunha, de primeira mão, da devastação causada por alguma doença, poderemos ficar surpresos diante das profundas mudanças que ela pode efetuar.

Ao contrário dos bem asseados enfermos das histórias de televisão, as pessoas na vida real podem tornar-se esqueléticas, perder o cabelo, sofrer mudança de personalidade, e até exalar odores desagradáveis. O devoto ancião de igreja pode passar a usar linguagem lasciva, conversação sem nexos, depois que algum golpe o faz entrar num processo de senilidade. A “mãe em Israel” pode perder seu vigor, beleza e perspicácia. O homem jovem, forte e fiel, pode tornar-se dúbio, queixoso e chorão. Em tais circunstâncias, somos chamados a ser visionários de Deus, que podem ver em tais pessoas filhos

preciosos Seus, que agora encontram-se bafejados pelo sopro das intempéries da vida.

Uma outra visão que podemos carregar inconscientemente é que muitas enfermidades representam o desprazer de Deus. A palavra "golpe", por exemplo, traz a implicação de que Deus tem abatido ou punido a pessoa enferma. Até poucas décadas, o câncer era uma doença quase indigna de qualquer menção, por causa de sua associação com a condenação de Deus. Mesmo hoje, assim como nos tempos bíblicos, certas doenças são consideradas uma prova da retribuição divina.

* *Como reajo emocionalmente?* A crise de saúde, vivida por outra pessoa, freqüentemente leva-nos a pensar em nossa saúde e eventual morte. O fim de uma pessoa de nosso nível social, econômico, etário e genérico é a situação que maior impacto emocional nos causa. Especialmente se essa pessoa nos faz lembrar alguma coisa com a qual nos relacionamos intimamente, quer no sentido positivo ou negativo. A compreensão de nossos sentimentos e sua expressão apropriada, nos deixam livres para apoiar os membros de nossas igrejas.

* *Quais são os meus limites?* Embora o ato de não "avaliar o custo" seja freqüentemente visto como parecendo uma coisa admirável, isso pode levar-nos a negligenciar outras partes da nossa vida. Jesus mesmo encorajou-nos a avaliar o custo de nossos compromissos. Avaliar o custo não nos livra de agir, mas reconhece nossos limites e ajuda-nos a decidir que tipo de ação vamos realizar.

Talvez estejamos no meio de uma grande programação da igreja quando estoura a crise. Talvez estejamos enfrentando uma crise pessoal, íntima. Se esse for o caso, podemos solicitar ajuda. Outras pessoas, com maior disponibilidade de tempo e energia, podem ser mais hábeis para ministrar em meio à crise.

* *Que tipo de apoio eu tenho?* Cuidar de nós mesmos, de tal maneira que possamos cuidar melhor de outros, é um fator inerente à injunção bíblica segundo a qual devemos amar ao próximo como a nós mesmos. Sempre estamos encontrando razões para negligenciar nossas próprias necessidades. Pelo fato de que a pessoa enferma tem grandes necessidades, podemos ser tentados a pensar que as nossas necessidades não são importantes. Alguns de nós, às vezes, podemos nos sentir até envaidecidos com o pensamento de que somos "os únicos que podemos ajudar realmente". Então, abarcamos a situação, não

permitindo que seja partilhada com outros. Ou então falhamos em buscar ajuda porque, como o servo de Elias, não podemos ver qualquer aprovação avaliável para nós. Todavia, a busca de sustentação pessoal fortalece nosso ministério, da mesma forma que o ato de colocar a máscara de oxigênio primeiro sobre nós, quando cai a pressão do ar num avião, nos habilita a prestar ajuda a outros.

Moisés teve êxito em abençoar Israel durante um momento de crise porque aceitou o apoio de Arão e Hur (Êxo. 17:8 a 16). Todos nós, algumas vezes, precisamos buscar alguém que possa sustentar as nossas mãos. Onde o encontraremos? Entre os colegas? Entre os membros da família? Ou entre amigos ou conselheiros? Nosso pedido de ajuda a eles pode ser simples como um convite para comer juntos, em determinado dia da semana, ocasião em que a conversa gira em torno do assunto que nos preocupa. Ou uma ligação telefônica na qual se comenta o desempenho no trato da crise.

Reuniões regulares com um pequeno grupo são ocasiões propícias para desafogar nossos sentimentos, partilhar dificuldades, trocar idéias e aumentar as perspectivas.

Há ainda o sempre presente apoio de Deus. Podemos renovar essa presença santa em poucos momentos de oração silenciosa antes de entrarmos na casa ou no hospital. Podemos descansar em Sua segurança e expressar nosso pedido por sabedoria.

* *Como minha igreja pode exercer este ministério?* Nossas congregações podem tornar-se eficientes participantes em nosso ministério pastoral. Algumas dentre muitas maneiras pelas quais isso é possível, são as seguintes: 1) Os membros das igrejas que revelem tato especial em relação a outras pessoas, podem tornar-se ministros competentes junto ao enfermo e moribundo. Existem alguns programas de treinamento que têm se tornado uma bênção no engajamento de voluntários nesse trabalho.

2) Uma pessoa bem informada, ou uma pequena comissão, na congregação poderia trabalhar na criação e manutenção de um banco de informações que contenha os grupos locais de apoio, nomes e endereços de conselheiros que possam ser chamados em ocasiões de crise, além dos nomes e endereços de irmãos que estejam gravemente enfermos. 3) Outra maneira seria a formação de equipes de oração, preparo de alimentos, transporte, etc., que estejam sempre prontas quando necessário.

O preparo pessoal e o apoio podem prover nossa presteza em ministrar àquelas que se encontram em crise. Mas, como podemos colocar isso em prática? Os seguintes princípios têm contribuído para o sucesso de meu trabalho com os doentes terminais:

1. Seja alerta e sensível. Ao visitar uma pessoa cujo bem-estar depende de equipamento médico, nós podemos evitar uma série de problemas, tornando-nos cientes do seu território. Sentar na cama da pessoa, por exemplo, pode ser uma boa idéia, mas primeiramente deve ser checada a conveniência disso com ela. Um inesperado "acidente" poderia sujar parte da cama. Movimentos descuidados poderiam desconectar violentamente fios que conduzem soro ou tubos de oxigênio, ou outros equipamentos sob os lençóis. Uma colisão acidental poderia prejudicar alguma área frágil do corpo.

Existe ainda a questão sobre quanto tempo deveríamos permanecer no local. Ocasionalmente uma visita longa é extremamente importante para a pessoa visitada, mas em geral ela cansa o doente. Qualidade é a palavra. Usualmente, visitas curtas são o melhor método. Podemos criar uma visita de qualidade removendo nossos agasalhos e sentando-nos no nível dos olhos do enfermo. Depois de brevemente partilhar notícias da igreja ou expressar nosso interesse em seu bem-estar, podemos condicionar-nos a ouvir o que a pessoa deseja partilhar, se for o caso.

2. Reconheça a vida. Quando aceitamos que somos todos moribundos, podemos estar mais conscientes daquilo que as pessoas terminais estão experimentando. Elas ainda se interessam por esportes, política, família e religião. Então vamos tratar o enfermo e sua doença da mesma maneira respeitosa com que sempre o tratamos, e não como alguém cuja vida já tivesse terminado.

3. Ouça o enfermo. Algumas vezes, nós somos chamados para visitar o doente porque somos uma figura com autoridade, mas nossa eficiência será sempre melhor se agirmos como líderes servos. Em virtude de que muitos doentes terminais perdem muito do controle sobre sua própria vida, elas facilmente tendem a olhar-se com um sentimento de desamparo e impotência. Como líderes servos, nós crescemos em nossa própria autoridade pessoal ao ouvir suas idéias sobre como atender às suas necessidades. De certa forma, nós trocamos de lugar. Tornamo-nos uma "con-

gregação de um" diante de nosso irmão doente, ouvindo atentamente, enquanto ele mesmo encontra maneiras de se fortalecer.

Então, aproveite para transmitir-lhe palavras de encorajamento em relação à continuidade de sua luta, indique-lhe passagens bíblicas como o Salmo 91, por exemplo. Peça-lhe que diga como gostaria de ser melhor ajudado.

4. Contate a família. O doente terminal não sofre sozinho. Toda a sua família é afetada. Enquanto nós empregamos tempo com a família de alguém em estado moribundo, começamos a ver como cada membro se relaciona com os outros. Descobrimos quem na família aparece como porta-voz, ou o portador da última palavra quando uma decisão tem de ser tomada. Essas pessoas podem ser uma fonte valiosa de informações e ligação com o restante da família.

Alguns membros da família parecem desvalidos, lutando para expressar seus sentimentos, ou colocando-se à margem. Podemos apoiá-los, ouvindo o que têm a dizer e mostrando compreensão para com a sua dor e reconhecendo seus esforços. As crianças estão freqüentemente no último lugar do grupo. Mas podemos encorajar os adultos no sentido de confiar às crianças a escolha do seu próprio grau de envolvimento e não protegê-las automaticamente.

Quando uma pessoa está em fase terminal de uma doença, a família não raro começa a afligir-se muito tempo antes de a morte acontecer. Nosso dever é facilitar esse processo pela aceitação de sua mágoa. Se o marido nos diz, por exemplo: "Não posso compreender como uma coisa dessa aconteceu com ela, pastor", não estaremos ajudando se retrucarmos: "Ora, irmão, você precisa ter fé." O consolo somente é sentido realmente, quando mostramos a compreensão dos sentimentos do outro, dizendo-lhe algo como, "eu compreendo como isso deve ser muito cruel para você".

Também ajudamos aos membros da família em luta, perguntando-lhes que outras crises eles enfrentaram e o que fizeram diante delas. Relembrando a maneira como eles lutaram antes, reajustamos a engrenagem de ação e lutamos no presente. Levando em conta que os membros da família literalmente se esquecem de cuidar de si mesmos, às vezes, podemos encorajar suas próprias idéias de ajuda pessoal, como planejar um dia a ser passado fora, por exemplo.

5. Comunique honesta e diretamente. Que deveríamos nós fazer se a família nos diz que "a vovó não sabe que tem um câncer, e nós não queremos dizer-lhe isso"? Uma resposta possível é deixar a família sa-

ber que enquanto não for anunciado à vovó seu diagnóstico, também não lhe poderá ser contada uma história falsa quando ela fizer uma pergunta direta a respeito do assunto.

Deveria um pastor falar ao moribundo sobre seu estado? Isso pode ser extremamente duro – e foi a razão pela qual Jon planejou assegurar a Devin de que tudo poderia finalmente dar certo. Na verdade, nem sempre é necessário assumir essa parte. Mas se a pessoa doente expressa sentimentos de agonia, angústia e inquietação, nossa capacidade de ouvir pode produzir conforto e alívio.

Seria normal um pastor chorar por causa do estado sem esperança de um membro de sua igreja? Estar feliz sempre traz uma contribuição positiva, mas às vezes acontece um curto-circuito de tristeza que é natural e apropriado. Lágrimas também podem abençoar. Lágrimas excessivas, por outro lado, podem se tornar um embaraço. Especialmente quando nos tomamos tão emotivos que outras pessoas sentem que devem cuidar de nós.

Que dizer a respeito de pessoas cujo estado é tão crítico que se encontram inconscientes? Quando isso ocorre, e o doente já não responde de nenhuma forma, podemos falar a outros a respeito dele, em sua presença. É importante lembrar que um doente terminal pode nos ouvir, mesmo que não possa responder. Assim, não podemos descartá-lo, mas continuar falando também a ele diretamente.

6. Trate das emoções. Quando abrimos os ouvidos para as expressões emotivas, nós ajudamos o moribundo a jogar fora seus trapos interiores, antes de morrer. Nosso ouvido imparcial pode ajudá-lo a expressar emoções tais como ira, dúvida, medo, tristeza ou culpa. Emoções incompreendidas ou negadas perdem-se por si mesmas. Elas não voltam de novo.

Sentimentos de culpa, no entanto, requerem um tratamento especial. Se tivermos um relacionamento de confiança com o doente, estaremos abertos para alguém com quem ele partilha tais sentimentos. Nem toda culpa é lógica, mas toda culpa pode e deve ser respeitada. Através de paciência e um ouvido imparcial, podemos oferecer a segurança do perdão e da graça de Deus. A culpa é um visitante persistente. Embora banido num dia, pode reaparecer no outro.

7. Ofereça os recursos religiosos gentilmente. A maneira como nós usamos as Escrituras e a oração pode ajudar ou atropelar mais ainda as necessidades de uma pessoa. Não é necessário forçar um texto numa conversação, dizendo alguma coisa como "o que você neces-

sita é ler...". Melhor é perguntar? "Gostaria de que eu lesse a Escritura enquanto estou aqui?" Então, devemos respeitar qualquer resposta negativa ou obscura. Na maioria dos casos ela vem afirmativamente. Nesse caso, é positivo oferecer-lhe a oportunidade de ouvir um texto predileto. Se não houver nenhuma manifestação nesse sentido, devemos estar preparados para partilhar uma porção escriturística que nos tem abençoado em tempos difíceis.

A oração também pode ser mais efetiva quando oferecida e não imposta. Algumas vezes, a melhor oração é aquela que fazemos antes da visita. A oração efetiva, que traz reais benefícios, é aquela que brota naturalmente da conversação, aquela que reflete as preocupações e mesmo as palavras do enfermo.

Tal como a leitura da Escritura, a oração é mais bem-vinda quando é fruto da permissão clara do doente. A maioria dos enfermos, no entanto, aceita nossas orações. Aqui também é válido pedir-lhe que expresse alguma razão específica pela qual deseja que oremos. Geralmente, entre lágrimas, alguns solicitam orações pelo bem-estar dos filhos após sua morte, ou em favor da recuperação da saúde, mesmo que isso signifique a realização de um milagre, conversão de familiares, amigos ou colegas de trabalho.

Há outros recursos religiosos que podem ser oferecidos: unção, Santa Ceia, ou qualquer outro símbolo de significado espiritual concreto.

8. Exalte a Deus. Algumas vezes, o simples gesto de sentar-se quietamente com o doente e sua família é nosso melhor trabalho ministerial. A implementação de métodos corretos de visitação não pode substituir uma presença genuinamente cuidadosa. Estar ali, ou estar com, é simplesmente tudo o que é necessário, muitas vezes. Este é o pano de fundo de nosso ministério em favor dos doentes terminais: Viver nas promessas de Deus.

Pagando o preço

Se estamos correndo para atender aos enfermos, a fim de sermos tratados posteriormente como heróis, para recebermos apreciação e louvor, certamente falharemos. Mas quando temos feito os arranjos apropriados no sentido de cuidar, primeiramente, de nós mesmos, e entrar com sensibilidade, sabedoria, e compromisso na vida daqueles que receberam o diagnóstico acusando uma doença incurável, estaremos abertos a um ministério efetivo e de êxito.

O estudo das genealogias bíblicas

ELIAS BRASIL DE SOUZA

Professor de Antigo Testamento no Salt-laene.

Para muitas pessoas, as genealogias da Bíblia representam as porções mais difíceis de serem lidas. Longas listas de nomes de pessoas que viveram na antiguidade parecem desnecessárias e supérfluas no contexto da mensagem espiritual das Escrituras. Com frequência, os pastores são interpelados por irmãos piedosos que, ao fazerem o "ano bíblico", questionam se não seria melhor passar por cima de tais textos para aproveitar melhor as porções consideradas mais edificantes da Palavra de Deus.

Neste artigo, pretendemos analisar a função e o propósito das genealogias da Bíblia e, com isso, demonstrar que essas porções escriturísticas não foram preservadas por acaso, mas têm um propósito no contexto da revelação. Para alcançar esse objetivo, iremos nos limitar às genealogias encontradas na primeira parte do livro de Gênesis, uma vez que um estudo mais abrangente iria extrapolar os limites do espaço disponível.

O tema será abordado a partir de duas perspectivas diferentes, mas que se complementam mutuamente. A perspectiva histórica nos mostra que o relato é factual, não foi inventado, ou copiado de mitos antigos. Os indivíduos mencionados nestas listas foram pessoas reais que viveram na antiguidade sobre a face da Terra. Na perspectiva teológica, veremos que a narrativa bíblica não tem um propósito meramente estatístico, mas está organizada em função de uma mensagem que transcende a época em que foi composta.

Confiabilidade histórica

Os estudiosos liberais sustentam que as genealogias de Gênesis 5 e 11 foram influenciadas por antigas listas dos reis sumérios e que, portanto, a historicidade desse material não pode ser levada a sério. Se isso fosse verdade, as Escrituras não mereceriam credibilidade, pois careceriam de fundamento histórico.

No entanto, quando o registro bíblico é comparado com os alegados paralelos mesopotâmicos, muitas diferenças se tornam claras. As listas mesopotâmicas contêm nomes sumérios e se referem à duração do reinado de uma sucessão de reis. Em Gênesis 5 e 11, por outro lado, as genealogias contêm nomes semíticos e referem-se à duração da vida de uma seqüência de patriarcas. Adicionalmente, as genealogias mesopotâmicas se limitam a uma história local apresentada com o propósito ideológico de "provar que a realeza pertence à Suméria e a nenhum outro lugar".

Em Gênesis 5 e 11, ao contrário, as genealogias estão situadas em uma perspectiva universal. Tratam da multiplicação e propagação de toda a raça humana. Mostram o começo da humanidade em Deus e a seqüência de uma linhagem que leva de Adão a Noé, e deste a Abraão. As mencionadas diferenças destacam a singularidade das genealogias bíblicas e tornam muito difícil qualquer dependência de fontes mesopotâmicas. Pois a Bíblia está narrando a existência de pessoas reais que viveram sobre a Terra em um passado distante.

É interessante notar, contudo, que a historicidade dessas genealogias não permite o estabelecimento de dados precisos para a idade do homem sobre a Terra. O arcebispo James Usher, no século XVII, calculou, partindo das genealogias, que a Terra havia sido criada no dia 22 de outubro de 4004 a.C. Alguns anos antes, John Lightfoot tinha sido mais preciso afirmando que Adão fora criado às 9h00 da manhã, numa sexta-feira do ano 3.928 a.C. Esse tipo de especulação revela uma compreensão equivocada dos registros bíblicos.

A historicidade ou factualidade das genealogias não implica precisão matemática segundo os critérios modernos. O autor bíblico foi seletivo ao escolher os nomes de sua lista e poderia ter arredondado alguns números. O fato de haver dez gerações de

Adão a Noé, e mais dez de Noé a Abraão, sugere que o relato é esquemático.

Quando comparadas as três principais testemunhas do texto do Antigo Testamento, é notada a existência de diferenças marcantes entre as mesmas. Para exemplificar isso, basta que consideremos o período da Criação até Abraão. O texto Massorético deixa um lapso de tempo de 1946 anos; a Septuaginta, 3312; e o Pentateuco Samaritano, 2247 anos. Isso sugere a necessidade de muito cuidado e ausência de dogmatismo no que tange ao uso desses dados com o propósito de estabelecimento de uma cronologia absoluta para a Criação. Há mais prudência em compreendê-los como aproximações, e não como dados matemáticos absolutos.

Nesta altura, três pontos importantes devem ser observados: 1) É bem provável que o autor bíblico fosse seletivo, escolhendo apenas dez nomes dos mais proeminentes em uma seqüência, não obrigatoriamente imediata de pai para filho, mas de um indivíduo para seu descendente mais remoto. Essa possibilidade tem apoio lingüístico no uso do verbo hebraico *yalad* (gerar), o qual pode significar tanto "tornar-se pai de", como "tornar-se ancestral de".

Há também o fato de que as palavras usadas para *pai* e *filho* em hebraico têm, respectivamente, um significado mais amplo de antepassado e descendente.

2) Ao compararmos Gênesis 11:13 a 15 com Lucas 3:35 e 36, percebemos que na genealogia de Lucas 3, existe um Cainã que não aparece na genealogia de Gênesis 11, porque Lucas está seguindo o texto da Septuaginta. Isso é uma evidência adicional de que podem existir lacunas nas genealogias, causadas por copistas ou por intenção do próprio autor bíblico.

3) É necessário ter em mente que em nenhum lugar da Bíblia é encontrada a mais leve alusão às genealogias para estabelecimento de padrões cronológicos, ou cálculos proféticos. Isso significa forte evidência de que as genealogias não foram dadas com tal propósito.

Apesar das lacunas que possam existir, as evidências sugerem que "os períodos de duração da vida devem ser entendidos literalmente" como se referindo aos indivíduos mencionados. Nada há no texto que permita alegorização ou uma interpretação simbólica dos dados. Pois, como bem afirmou Arthur Ferch, "A Bíblia geralmente, e as genealogias em Gênesis especificamente, tomam os indiví-

duos mencionados e a duração de sua vida literal e seriamente". Acrescentamos ainda que as considerações feitas pelo autor bíblico a respeito de Enoque e Noé, retratando-os como indivíduos, elimina qualquer possibilidade de interpretação simbólica para esses e os demais nomes e números da tábua genealógica.

Propósito teológico

Em geral, os eruditos também concordam que o livro de Gênesis se divide em duas partes principais. Os capítulos 1 a 11 formam a chamada "história primeva", que apresenta seus temas de uma perspectiva universal. E nos capítulos 12 a 50, está a "história patriarcal", onde o relacionamento especial de Deus com o povo escolhido é destacado. A primeira seção do livro narra três grandes eventos: Criação e queda do homem (1 a 4), o Dilúvio (6 a 9), e a saída do povo de Deus de Ur (v. 11). O lapso de tempo entre esses eventos é preenchido com genealogias que conduzem de Adão a Noé, e de Noé a Abraão.

Cada uma dessas genealogias é formada por dez gerações, excetuando a genealogia que vai de Caim a Lameque, pelas seguintes razões:

Lameque é o sétimo depois de Adão pela linhagem de Caim. Em Lameque a impiedade atinge a sua plenitude, ao fazer "da sua espada o seu deus" e acrescentar ao crime de homicídio o pecado da poligamia (Gên. 4:19). Enoque é o sétimo depois de Adão pela linhagem de Sete. Na vida de Enoque, a santidade atinge o seu clímax. Um homem andou com Deus e Deus o tomou para Si. Andar com Deus "denota o relacionamento mais confidencial, a mais íntima comunhão".

Assim, vemos que o arranjo literário procura evidenciar o fato de que, desde o início da humanidade, dois grupos se diferenciam. Um toma o caminho dos ímpios e chega ao ápice da maldade em Lameque, o sétimo depois de Adão, pela linhagem de Caim. O outro toma o caminho dos justos e atinge a plenitude na vida piedosa de Enoque, o sétimo depois de Adão, pela linhagem de Sete. Destaca-se, assim, a progressão histórica do antagonismo entre a descendência da serpente e a semente da mulher (Gên 3:15).

A genealogia de Caim termina nos filhos de Lameque, e nenhuma referência é feita quanto à duração da vida dos descendentes de Caim, pois não há futuro para essa linhagem. Serão destruídos pelo Dilúvio, o qual, de certa forma, era uma prefiguração da destruição total dos

ímpios pelo fogo eterno (II Ped. 3:5 a 10). A genealogia de Sete passa por Enoque e continua até Noé, atravessa o Dilúvio e, finalmente, desemboca em Abraão. Essa seqüência marca "o progresso daquela descendência prometida a Eva" (Gên. 3:15), e que na plenitude do tempo havia de esmagar a cabeça da serpente.

Monotonia

Outra característica marcante das genealogias é a repetição monótona de expressões estereotipadas. Em Gênesis 5, no final da descrição da vida de cada indivíduo, o autor acrescenta a frase "e morreu". Toda a narrativa se desenvolve como um movimento em direção à morte. Apesar da vigorosa longevidade, o "certamente morrerás" se cumpre em todos eles. Este refrão só é interrompido na história de Enoque, o que enfatiza de forma especial a singularidade desse patriarca, cuja trasladação trouxe ânimo àquela geração machucada pelo pecado.

É possível notar ainda uma drástica redução na idade dos patriarcas na genealogia dos indivíduos pós-diluvianos. Embora Noé tenha alcançado a idade de 950 anos, seu filho Sem chegou a 600; Naor, o avô de Abraão, chegou somente a 148 anos de idade. Essa redução de longevidade sugere uma decadência na qualidade de vida causada, possivelmente, por razões climáticas e dietéticas. Ellen White afirma que, após o Dilúvio, Deus permitiu ao ser humano "comer a carne dos animais limpos preservados na arca", pois a vegetação havia sido destruída. Essa alteração no regime alimentar, juntamente com as alterações ambientais causadas pelo Dilúvio, contribuiu para diminuição do tempo de vida.

Genealogia é importante

As considerações precedentes nos permitem ver a riqueza de elementos históricos e conceitos teológicos contidos nas genealogias. Em síntese podemos concluir que as genealogias mostram a origem comum e a solidariedade da raça humana. De um só, Deus fez todos os homens. Ninguém pode pretender superioridade com base em raça, origem ou cor. Todos temos uma origem comum em Deus, através de Adão.

As genealogias deixam claro que, desde o princípio, a humanidade se divide entre os que servem a Deus e os que O rejeitam. Em Gênesis

4 e 5, aparecem as duas facções do grande conflito. A linhagem de Sete e a linhagem de Caim – a Semente da mulher e a semente da serpente. Percebe-se ainda, nas genealogias, o resultado da bênção divina: "Multiplicai-vos, enchei a Terra". Isso se torna claro na "tábua das nações" (Gên. 10), onde é vista a expansão geográfica da humanidade; e nas genealogias (Gên. 5 e 11), onde destaca-se a sucessão no tempo.

Pelas genealogias, é mostrado que o pecado resulta em diminuição da vida e, finalmente, em morte. Mas, ao mesmo tempo, verifica-se que o pecado e a morte não têm a última palavra. Enoque andou com Deus e foi trasladado, dando à humanidade uma vislumbre do dia em que a morte será tragada pela vitória (I Cor. 15:15).

No transcurso da História, Deus sempre teve o Seu remanescente e o preservou em meio às mais difíceis circunstâncias. Noé era um homem justo em sua geração. Abraão foi chamado dentre os pagãos de Ur para ser portador da promessa às gerações futuras. Isso mostra que é possível obedecer e servir a Deus, mesmo em meio a uma cultura hostil. As listas de nomes de pessoas que viveram na antiguidade denotam o interesse especial de Deus em cada indivíduo. Ele nos conhece pelo nome e Se lembra de cada um de nós. Não somos gotas de água no oceano, temos uma identidade que sempre será preservada pelo Senhor.

Finalmente, contra os críticos antigos e modernos, as genealogias mostram que o homem está sobre a Terra há poucos milhares de anos, e não há milhões como afirmam os evolucionistas. Adicionalmente, essas genealogias não se constituem blocos de material inserido no livro de Gênesis por um autor diferente, como afirmam os estudiosos liberais. Ao contrário, as evidências indicam que elas têm um propósito relevante no contexto geral do livro e apontam para uma autoria unificada de Gênesis.

De tudo o que foi visto anteriormente, podemos concluir que as genealogias são muito importantes no contexto da revelação bíblica. Não são textos dos quais se possa prescindir; fazem parte da inspirada Palavra de Deus e, assim, têm muitas lições para nos ensinar. Portanto, apesar de parecerem, às vezes, enfadonhas, merecem ser lidas, investigadas e ensinadas.

NOTA: Em virtude da exigüidade de espaço, deixamos de publicar a extensa bibliografia desta matéria.

Retrato de um ministro inconverso

ALMIR A. FONSECA

*Ex-editor de Ministério, jubilado, reside
em Tatuí, SP.*

A escolha de Matias para o lugar de Judas (Atos 1:15 a 26), foi cercada de uma série de ponderações solenes. O apóstolo Pedro, um dos mais respeitados discípulos de Jesus, usou da palavra para dizer aos seus companheiros que a vaga deixada pelo traidor deveria ser preenchida com todos os cuidados que o caso exigia. Considerou necessário que, dos homens que haviam convivido com eles todo o tempo em que o Senhor Jesus entrou e saiu dentre o grupo, começando desde o batismo de João até ao dia em que dentre eles foi recebido em cima no Céu, um deles se fizesse testemunha da ressurreição.

Em sua argumentação, Pedro valeu-se das palavras de dois salmos. O primeiro (Salmo 41:9), para relembrar o que o Espírito Santo havia dito por intermédio de Davi, "acerca de Judas, que foi o guia daqueles que prenderam a Jesus". Falou a respeito do ministério que Judas havia alcançado entre o grupo dos discípulos, e do campo que adquirira com o galardão da iniquidade. O Salmo 69:25, por sua vez, tratava, esclareceu Pedro, da substituição de Judas. "Fique deserta a sua habitação, e não haja quem nela habite, e tome outro o seu bispado", lembrou Pedro.

A oração proferida, pedindo a Deus que mostrasse qual dos dois homens que se apresentaram para substituir Judas devia ser escolhido, foi dirigida a um Senhor "conhecedor dos corações de todos". Por unanimidade, Matias foi eleito.

Só podemos entender a importância de um objeto, quando começamos a contar o dinheiro para adquiri-lo. É na hora de preencher o cheque, que verificamos se o terreno que acabamos de comprar é caro ou barato, ou se o carro ou a casa tem preço elevado. Com relação ao caso da substituição de Judas, a descoberta não foi diferente. Uma eleição realizada com tantas precauções e com a evocação de oráculos divi-

nos, faz-nos crer que Judas, à semelhança de seus colegas de apostolado, fora investido de uma importante função. Judas não pertencia ao grupo dos doze porque Jesus tivesse dificuldade para completar esse número, quando fez a escolha dos Seus discípulos. Tanto quanto nos demais apóstolos, Jesus viu nele qualidades que poderiam ser úteis à causa do evangelho.

Até certo ponto, é natural que olhemos para Judas com certa repugnância. O crime que praticou é inaceitável, se é que algum crime deve ser aceito. Todavia, se Judas não valia nada; se não possuía nenhuma qualidade boa, então Jesus não perdeu muita coisa. Entretanto, parece não ter sido isso o que aconteceu. É o que iremos ver em seguida.

Pessoa influente

Tudo indica que Judas era um indivíduo influente nas altas camadas do povo judeu dos dias de Jesus. Sugere isto, o fato de ter-se apresentado por duas vezes aos principais sacerdotes em tão pouco tempo. A primeira delas, para propor a venda de Jesus; a segunda, quando voltou para devolver o dinheiro. Essa facilidade de entender-se com pessoas tão respeitadas, parece que não era tão comum entre os discípulos de Jesus. Ao que se sabe, apenas o apóstolo João desfrutava de certa consideração da parte daqueles líderes religiosos. Falando sobre o comparecimento de Cristo perante o Sinédrio, João conta, no seu evangelho, que entrou com Jesus "na sala do sumo sacerdote" (João 18:15). Fez isso, porque era conhecido daquela autoridade religiosa.

Deve-se notar que esse acesso de Judas a personagens tão importantes era tanto mais significativo em virtude do momento em que ocorreu. Judas não era uma pessoa qualquer. Fosse possível eliminar a Cristo de forma aparentemente menos criminosa, certamente isso

teria acontecido. Ninguém queria assumir a responsabilidade pelo crime. Judas surgiu no momento certo! Embora não fosse tão querido daqueles guias religiosos, como estes revelaram por ocasião da devolução do dinheiro, o traidor foi bem acolhido, ao oferecer-se para vender o seu Mestre. Não bastava ser discípulo de Jesus, para fazer o negócio; Judas tinha que ser uma pessoa conhecida, a fim de merecer a confiança dos compradores. E, se era bem relacionado, era pessoa influente.

Essa habilidade de Judas para tratar com as pessoas – sua capacidade para exercer relações humanas – não surgiu apenas no momento em que Jesus estava para ser crucificado. Durante o ministério de Cristo, foi ela posta em prática inúmeras vezes, enquanto o Iscariotes se comunicava com os companheiros de ministério. Diz Ellen White: "Judas era altamente considerado pelos discípulos, e exercia sobre eles grande influência. Tinha em elevada estima as próprias aptidões, e considerava seus irmãos como muito inferiores." (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 534).

O alto conceito que possuía Judas de suas "habilidades administrativas", fazia-o julgar-se superior aos seus discípulos. "Conquistara-lhes a confiança, e exercia sobre eles grande influência." (*Idem*, pág. 417). Soube explorar, principalmente, um aspecto social com o qual muitos de nós simpatizamos – a assistência social. Sob uma capa de solidariedade para com os menos favorecidos, seria mais difícil de ser criticado. Até mesmo os mais desconfiados companheiros tiveram dificuldade em acusá-lo de desonesto. Somente quando as coisas começaram a tornar-se mais claras, um dos discípulos resolveu fazer uma afirmação mais contundente.

Foi na ocasião em que Maria ungiu os pés de Jesus. Judas criticou o gesto de Maria, lamentando que o perfume não tivesse sido transformado em dinheiro; e sugeriu até o valor: trezentos denários. "Isso disse ele, não porque tivesse cuidado dos pobres; mas porque era ladrão e, tendo a bolsa tirava o que nela se lançava." (João 12:6). É provável, contudo, que até aquele momento Judas se tenha feito passar, entre os discípulos, por uma espécie de líder.

Poder para curar

A carreira descendente de Judas seria um enigma, não fosse sabermos que todo indivíduo tem o direito de escolher o caminho que deseja trilhar, ficando sujeito à lei da cau-

sa e efeito. No verso bíblico anteriormente citado, Judas foi chamado de ladrão. Porque tinha a bolsa e dela tirava o que ali era lançado, recebeu ele esse título nada elogioso.

E, de ladrão para demônio, não demorou muito; em poucos e sinuosos passos, chegou Judas a sua nova posição. O mesmo João evangelista que o chamara de ladrão, relata estas palavras de Jesus: "Não vos escolhi Eu em número de doze? Contudo um de vós é o diabo." (João 6:70). Quando Satanás entrou em Judas, ao receber o bocado de pão que lhe dera o Senhor, não se sentiu em lugar estranho; mas num ambiente familiar. Judas já se havia identificado com o príncipe das trevas.

Entretanto, ao contrário do que se possa imaginar, o traidor teve os mesmos privilégios e recebeu a mesma incumbência que foram confiados aos demais discípulos. Embora os três primeiros evangelhos coloquem o seu nome sempre em último lugar, por razões óbvias, na lista em que figura o nome dos apóstolos, todos eles afirmam que Judas foi chamado por Jesus, da mesma forma que o foram Pedro, Tiago, Mateus e os demais discípulos.

O primeiro evangelista, Mateus, conta que "tendo chamado os Seus doze discípulos, deu-lhes Jesus autoridade sobre espíritos imundos para os expelir, e para curar toda sorte de doenças e enfermidades" (Mat.10:1). A lista dos chamados, que vai dos versos dois ao quatro, começa pelo nome de Pedro e termina com o de Judas. Aquilo que fazia parte da missão confiada aos outros onze discípulos, era também dever de Judas. Como afirma Ellen White, "o Salvador ... confiou-lhe a obra de evangelista. Dotou-o de poder para curar os doentes e expulsar os demônios" (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 533).

Já imaginou Judas exercendo autoridade sobre os espíritos imundos, "para os expelir, e para curar toda sorte de doenças e enfermidades"? Pois é, Judas foi dotado dessa autoridade e desse poder. Como não ficou registro de que Bartolomeu, Natanael e outros discípulos tenham operado prodígios, mas certamente o fizeram, o mesmo pode ter acontecido com Judas. Não sabemos quanto êxito logrou Judas, ao ser enviado "às ovelhas perdidas da casa de Israel", mas podemos estar certos de que formou dupla com outro discípulo, também investido da ordem de Jesus: "Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios." Só que, depois, os demônios começaram a entrar nele próprio.

O evangelho de Marcos dá a entender que

Judas Iscariotes era o décimo segundo nome escolhido, de um grupo bem maior de pessoas que Jesus chamou para perto de Si. Jesus "chamou para si os que Ele quis", mas só nomeou doze "para que estivessem com Ele e os mandasse a pregar" (Marcos 3:13 e 14). Um daqueles que foram "nomeados" foi Judas.

Lucas acrescenta uma particularidade a essa escolha: diz que ela se deu após uma noite de oração. "Quando já era dia", depois daquela vigília, "chamou a Si os Seus discípulos, e escolheu doze deles, a quem também deu o nome de apóstolos." (Luc. 6:12 a 16).

Talvez seja bom lembrar que o número doze, nesses versos, não é simbólico, como se imagina que aconteça com os 144 mil; trata-se de um número literal. Quando Judas se separou do grupo, pelo fato de haver-se enforcado, esse grupo passou a ser chamado de onze. "E lançando-lhes sortes, caiu a sorte sobre Matias. E por voto comum foi contado com os onze apóstolos." (Atos 1:26).

Desvio do apostolado

Entretanto, Judas se desviou do seu apostolado. Orando Àquele que conhece os sentimentos, os apóstolos pediram-Lhe que mostrasse qual dos candidatos devia ser escolhido "para que tome parte neste ministério e apostolado, de que Judas se desviou" (v. 25).

Ao orarem a um Senhor que conhecia os corações, por ocasião da investidura de Matias, estariam os apóstolos sugerindo que, ao escolher Judas, o Senhor Jesus não conhecia o coração daquele discípulo? Podemos afirmar com toda a certeza que conhecia, da mesma forma que conhecia o coração dos outros. Então, por que chamar para ser Seu discípulo alguém que se tornaria mais tarde um ladrão e um demônio? Pela razão não tão simples assim, de que "Deus toma os homens tais como são, com os elementos humanos de seu caráter e os prepara para Seu serviço, caso queiram ser disciplinados e dEle aprender. Não são escolhidos por serem perfeitos, mas apesar de suas imperfeições, para que, pelo conhecimento e observância da verdade, mediante a graça de Cristo, se possam transformar à Sua imagem" (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 215).

Embora tivesse chegado ao final de sua história como ladrão e demônio, Judas poderia ter revertido sua situação, não tivesse rejeitado todos os oferecimentos de graça que lhe foram estendidos. A maioria dos apóstolos chegou ao limiar da crucificação

carregando ainda defeitos inaceitáveis em qualquer pessoa, mas, sobretudo, naqueles que conviveram com Jesus. Todavia, em presença da cruz, puseram em prática as teorias aprendidas ao longo de seu companheirismo com Cristo.

A violência ainda fazia parte da vida de Pedro, pouco antes de Jesus ser crucificado. Sua espada ainda brandia contra aqueles aos quais considerava seus inimigos. Ao orar em favor de Pedro, momentos antes de Se entregar àqueles que Lhe tiraram a vida, Jesus exortou o Seu impetuoso discípulo: "Tu, quando te converteres confirma teus irmãos." (Luc. 22:32). A recomendação feita a Pedro, no sentido de que se convertesse, mostra que lhe faltava um dos requisitos básicos da vida cristã de qualquer seguidor de Jesus. Todavia, sua união com Cristo, tornou-o o gigante da fé que conhecemos.

Os incrédulos Tome e Filipe, cada um à sua maneira, foram até às vésperas da morte de Jesus, sem a certeza plena de que estavam tratando com a pessoa certa. Tomé, sem rumo, não sabia para onde ia Cristo, e perguntava pelo caminho; e Filipe, ainda queria ver o Pai, para sentir-se satisfeito. Nada sabemos sobre Filipe, mas sabemos que Tomé permitiu que sua falta de fé atravessasse as fronteiras do Gólgota: "Se eu não vir o sinal dos cravos em Suas mãos e não meter o dedo no lugar dos cravos, e não meter a minha mão no Seu lado, de maneira nenhuma creerei", disse ele quando a ressurreição já estava sendo anunciada. Felizmente, curvou-se ao peso da evidência e aceitou plenamente ao seu Senhor.

Como se pode ver, mesmo depois de Sua ressurreição, continuou nosso Salvador a envidar esforços no sentido de aparar as arestas ainda existentes no caráter de Seus discípulos. Judas, da mesma forma que os apóstolos citados, poderia ter sido beneficiado por esses esforços. Bem que Jesus lhe oferecera oportunidade até pouco antes de ele comprar a corda com a qual pôs termo à vida. Permitiu-lhe sentar-se à mesa com os demais apóstolos, e ouvir as palavras que proferira enquanto distribuía os elementos que simbolizavam Seu corpo e sangue. "Isto é o Meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de Mim." Pena que Satanás também ali estivesse, e entrasse em Judas, quando este recebeu o pão das mãos de Jesus. Era o fim do desvio do seu apostolado.

Reflexões sobre o livro de Esdras

SHICHIRO TAKATOHI

Obreiro jubilado, reside em Tatuí, SP.

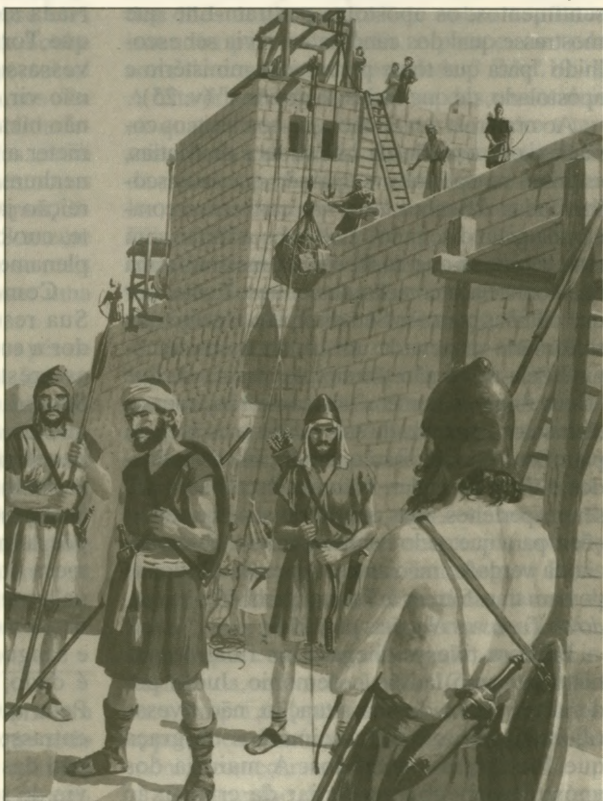
O autor do livro de Esdras descreve, nos seus primeiros capítulos, a volta do primeiro grupo de exilados em Babilônia para Jerusalém. No capítulo quatro, relata as oposições e dificuldades que surgiram na época da reconstrução do templo de Deus e da cidade de Jerusalém.

Os primeiros cinco versos desse capítulo mencionam o problema enfrentado durante a reconstrução do templo: "Ouvindo os adversários de Judá e Benjamin que os que voltaram do cativeiro edificavam o templo ao Senhor Deus de Israel, chegaram-se a Zorobabel e aos cabeças de famílias e lhes disseram: Deixai-nos edificar convosco, porque, como vós, buscaremos a vosso Deus; como também já Lhe sacrificamos desde os dias de Esar-Hadom, rei da Assíria, que nos fez subir para aqui. Porém, Zorobabel, Jesua e os outros cabeças de famílias lhes responderam: Nada tendes conosco na edificação da casa a nosso Deus; nós mesmos, sozinhos, a edificaremos ao Senhor, Deus de Israel, como nos ordenou Ciro, rei da Pérsia. Então as gentes da terra desanimaram o povo de Judá, inquietando-o no edificar; alugaram contra eles conselheiros para frustrarem o seu plano, todos os dias de Ciro, rei da Pérsia, até ao reinado de Dario, rei da Pérsia."

Sem dizer como foi solucionado o problema, o autor, em seguida, descreve os fatos que configuravam a oposição à reconstrução da cidade de Jerusalém, concluindo o capítulo com os versos 23 e 24, os quais dizem o seguinte: "Depois de lida a cópia

da carta do rei Artaxerxes perante Reum, Sinsai, o escrivão, e seus companheiros, foram eles apressadamente a Jerusalém, aos judeus, e, de mão armada os forçaram a parar com a obra. Cessou, pois, a obra da casa de Deus, a qual estava em Jerusalém; e isso até ao ano segundo do reinado de Dario, rei da Pérsia."

Esses dois versos parecem dar a impressão de que na ordem de sucessão dos reis da Pérsia, Dario substituiu Artaxerxes. Ademais, fica também a impressão de que as dificuldades enfrentadas na construção do templo e na reedificação



da cidade foram simultâneas. E a paralização da obra da casa de Deus é a consequência direta da ameaça contra a reconstrução da cidade.

Os capítulos cinco e seis descrevem como foram superadas as dificuldades durante a reconstrução do templo. Em 6:15, lê-se: "Acabou-se esta casa no dia do terceiro mês de adar, no sexto ano do reinado do rei Dario." E, mais adiante, a partir do capítulo sete, é relatada a solução do problema da construção da cidade e restauração do governo civil em Jerusalém, através do importante decreto do rei Artaxerxes, no sétimo ano de seu reinado.

Sucessão e problemas

Para sairmos da aparente confusão, é necessário que conheçamos a sucessão dos reis da Pérsia – Ciro, Cambises, Dario I, Xerxes (Assuero), Artaxerxes –, e façamos uma análise dos acontecimentos relacionados com a construção do templo e da cidade de Jerusalém.

Os problemas relacionados com a construção do templo (Esd. 4:1 a 5; 4:24 a 6:22) surgiram já nos dias do rei Ciro e agravaram-se com o passar do tempo, culminando com a cessação da obra até o segundo ano de Dario (Esd. 4:5 e 24). Animados pelos profetas Ageu e Zacarias, os judeus reiniciaram os trabalhos de construção (Esd. 5). Promulgado o decreto do rei Dario, favorecendo a obra da casa de Deus, esta foi completada no sexto ano desse rei (Esd. 6).

Por sua vez, as dificuldades atinentes à restauração da cidade (Esd. 4:6 a 23) apareceram no princípio do reinado de Assuero (Xerxes) e continuaram até os primeiros dias do reinado de Artaxerxes (Esd. 4:6, 7 e 23). Mais tarde, no reinado do mesmo rei, elas foram resolvidas oficialmente (Esd. 7).

Caminhos para compreensão

Se o propósito do autor do livro foi apresentar as duas questões juntas, e suas respectivas soluções posteriormente, o que se diz no verso 24 do capítulo quatro poderia estar escrito logo em seguida ao verso cinco; então a aparente confusão estaria evitada.

Com isso, não é nosso objetivo criticar ou

alterar a mensagem bíblica, inspirada por Deus. No entanto, não somos impedidos de pesquisar diligentemente. Além de tudo, a divisão de capítulos e versículos é obra de estudiosos e eruditos. Há, na Bíblia, outros casos semelhantes.

Assim, poderíamos sugerir uma ordem para a leitura das porções escriturísticas que estamos considerando. Por exemplo, após a leitura de Esdras 4:1 a 5, adicionamos o verso 24. Retornamos então aos versos cinco e seis e continuamos até o verso 23.

Lendo os capítulos cinco e seis, encontramos a solução para o primeiro problema; e, a partir do capítulo sete, a solução do segundo problema.

Uma outra sugestão seria determinar o fim de um capítulo e o início do seguinte. Vejamos: Lemos o capítulo quatro de Esdras, até o verso cinco. Nessa altura, verificamos como surgiu a oposição aos trabalhos de reconstrução do templo, prosseguindo até o versículo 23, colocando aqui um ponto final no capítulo. Como vimos, anteriormente, nesse ponto está relatado o surgimento das dificuldades relativas à reconstrução da cidade de Jerusalém.

Nesta altura, podemos interrogar-nos: Como foram solucionados os graves problemas dos exilados israelitas que voltaram do cativeiro? A resposta está na leitura subsequente.

Façamos, então, que o versículo 24 do capítulo quatro seja o primeiro verso do capítulo cinco. O escritor do livro, ao relatar a solução do primeiro problema, como introdução, faz-nos lembrar de que a construção do templo estava paralizada até o segundo ano do reinado de Dario, rei da Pérsia. Desse ponto até o fim do capítulo seis, há um relato sobre como esses trabalhos foram retomados e concluídos.

E a partir do capítulo sete, encontramos a solução do segundo problema. Esdras recebe do rei Artaxerxes, no sétimo ano do seu reinado, um importante decreto, dando-lhe autoridade civil e religiosa (Esd. 7:25 e 26), e inicia a restauração da cidade de Jerusalém. Porém, a solução completa e triunfante está narrada no livro de Neemias.

Desse modo, eliminamos qualquer suposta confusão existente sobre este assunto.

*Isto você
não pode perder*

Prepare-se desde já
para os Concílios Ministeriais
que serão realizados com a presença dos
líderes da Associação Ministerial da
Associação Geral e da Divisão Sul-Americana,
em Julho de 1997.

CONFIRA OS LOCAIS E AS DATAS:

01 A 05 DE JULHO DE 1997

ÑAÑA – Uniões Boliviana e Peruana,
Missões Equatorianas do Norte e do Sul

08 A 12 DE JULHO DE 1997

PUIGARI – Uniões Austral e Chilena

15 A 19 DE JULHO DE 1997

IAENE – Uniões Norte e Nordeste

22 A 26 DE JULHO DE 1997

IAE – Uniões Central, Este e Sul

A arte de repreender

MIGUEL ANGEL NUÑEZ

*Professor de Teologia na Universidade
Adventista do Chile.*

Não sei, com absoluta certeza, qual a maior causa de apostasia na Igreja. No entanto, depois de milhares de visitas e entrevistas pastorais, começo a vislumbrar claramente qual o maior motivo de amargura entre aqueles que se afastaram do redil.

As pessoas que deixaram a Igreja, em geral, conhecem muito bem a razão pela qual deixaram os caminhos do Senhor. Inclusive, a maioria delas é capaz de reconhecer abertamente e sem rodeios o "pecado aberto" que foi responsável pela separação. E muitas dentre essas pessoas guardam más lembranças do tratamento que receberam, no momento em que foram descobertas em seu erro.

Parece que é mais fácil constatar o pecado do que remediá-lo; assim como é mais simples denunciá-lo do que curar suas conseqüências.

A Igreja precisa entender que não foi estabelecida no mundo para julgar o pecador (Mat. 7:1; Rom. 2:1), mas para condenar o pecado. Existe uma linha divisória tão sutil entre uma e outra atitude, que facilmente nos esquecemos de que precisamos salvar o pecador e manifestarmos somente contra o pecado. "Odiar e repreender o pecado, e ao mesmo tempo demonstrar compaixão e ternura pelo pecador é uma tarefa difícil",¹ reconhece Ellen White. Por outro lado, tal como afirma o psiquiatra Viktor Frankl, "ninguém pode julgar, ninguém, a menos que com toda honestidade possa garantir que em uma situação semelhante não faria o mesmo".²

Hospital

Todo aquele que comete pecado que traz opróbro à Igreja simplesmente evidencia em sua vida, de uma maneira terrivelmente

crua, um problema comum a todos os seres humanos: todos somos pecadores (Rom. 6:23). Estamos maculados pela nódoa indelével do mal (Rom. 3:9 a 12). Não existe esperança para ninguém, a menos que renuncie a si mesmo e se submeta ao poder onipotente do único Ser que pode nos livrar – Cristo Jesus.

A Igreja é um hospital, e nele todos estão enfermos, inclusive os médicos. Em alguns a enfermidade está mais evidente do que em outros. A linha de separação entre saúde e doença é tão terrivelmente etérea, que basta tão somente um momento de descuido para que alguém apareça engrossando as fileiras dos enfermos, e, em muitas ocasiões, dos mortos. Como disse o Pastor Robert Folkenberg, "a igreja deveria ser um hospital para pecadores, não uma exibição de santos". Isso nos obriga a admitir que o povo vem à igreja para ser curado de seu mal, não para ser criticado por sua maldade. O citado pastor ainda sustenta que as pessoas buscam a igreja pela mesma razão pela qual procuram um hospital: "Foram feridas pelo pecado e desejam livrar-se da dor."

Juízo sem misericórdia

Se não entendermos isso corretamente, correremos o risco de realizar entre nós verdadeiros juízos inquisitoriais, onde abundam ausências de provas, testemunhas anônimas, impossibilidade de defesa e lembranças de erros passado. Tudo isso, fazendo lembrar as práticas habituais da antiga Inquisição, tão vilipendiada, porém tão potencialmente similar a algumas de nossas práticas eclesiais.³

Embora não enviemos a ninguém literalmente para uma fogueira, colocamos em mui-

tos a capa de "desviado" ou "apostatado", que lhes traz muitos prejuízos, tal como nos séculos passados quando muitas pessoas que eram julgadas pela Inquisição, apesar da inocência comprovada, eram obrigadas a levar uma cruz desenhada nas costas e outra no peito. Essa marca significava sinal de desprezo, incapacidade para encontrar trabalho e, finalmente, alienação da comunidade.⁴

Conheço bem de perto o caso de alguém que foi "julgado" e disciplinado, sob acusação de adultério. Posteriormente, ficou provado, inclusive judicialmente, que a acusação era falsa. Mas os que protagonizaram o incidente negam-se a fazer qualquer retratação bem como restituir à pessoa seus direitos na igreja, para que esta não seja vista como uma comunidade passível de engano. Nesse contexto, tem razão o escritor Harold Kushner quando afirma que "nossas igrejas traem seu mandato de dar forma à comunidade e curar a sociedade, quando criamos nela uma atmosfera de julgamento de seus participantes".⁵

Passos bíblicos

Não tenho a solução para todos os casos, porém, depois de meditar, ler a Bíblia e os escritos de Ellen White, sugiro que pelo menos deveríamos fazer o seguinte:

1. Oferecer de maneira contínua e permanente, orientações a respeito de ética cristã aos membros da igreja. É necessário que se aprenda a tratar com o pecador. O fato de pertencer a uma comissão, qualquer que seja, inclusive as Mesas Administrativas de Campos e instituições em quaisquer níveis, não autoriza a ninguém lançar sombras sobre a honorabilidade de uma pessoa.

2. Fazer um cuidadoso estudo, com oração, sobre o verdadeiro sentido das palavras de Jesus Cristo em relação com o trato com o pecador. Os passos bíblicos expressos em Mateus 18:15 a 22 não podem ser desconsiderados. Primeiramente, o pecador deve ser procurado em total anonimato, com o fim de ser ganho para o Senhor. Nessa instância, não estamos autorizados a relatar nada para nenhuma outra pessoa.

Se o pecador não reage ao apelo anterior, é necessário que seja abordado novamente, de modo privado, desta vez com duas ou três testemunhas, com o mesmo

propósito anterior: salvar o irmão. Até aqui, ainda não estamos autorizados a relatar o pecado. Se, apesar disso, o faltoso ainda não reage positivamente, a Bíblia sugere um terceiro passo que, acredito honestamente, dificilmente será necessário

quando os dois passos anteriores forem cumpridos conscientemente e com amor cristão. Cristo afirma que a situação deve ser comunicada à igreja, não para que essa julgue ou declare o tal como pecador, ou realize uma execração pública, mas, seguindo o que diz o evangelho, para salvar o irmão. Mesmo nessa última parte do processo, não há elementos que autorize a divulgação do pecado, por parte da igreja.

Finalmente, o evangelho nos recomenda que se o tal errante não atende ao irmão, nem as testemunhas, nem a igreja, então deve ser tido como "gentio e publicano". É nesse ponto final onde muitos se sentem autorizados para menosprezar o pecador e divulgar sua falta. Porém, o evangelho não aprova tal conduta. Pelo contrário, Cristo nos convida a imitá-Lo, e a pergunta que vem à tona é: Que tratamento dispensava Jesus aos gentios e publicanos, e àqueles que em Seu tempo eram considerados os párias da sociedade? Indiscutivelmente, lhes dispensava bondade, misericórdia e paciência infinitas.

Cristo e os errantes

Cristo realizava milagres na vida das pessoas que haviam caído, pela forma como as tratava. "Em cada ser humano percebia possibilidades infinitas ... Ao olhá-los com esperança, inspirava esperança ... Em Sua presença, as almas desprezadas e caídas se apercebiam de que ainda eram seres humanos e anelavam demonstrar que eram dignas de Sua consideração."⁶ Não admira que se aproximassem dEle, confiantemente, prostitutas, ladrões, fariseus, assassinos, e toda classe de pessoas que eram rejeitadas pela sociedade

na qual viviam. A todos esses indivíduos, Ele tinha uma palavra de consolo e um caudal de esperança em Deus.

Nada existe nos evangelhos, nem nas palavras de Cristo, que nos autorize a convertermos-nos em juízes das faltas alheias. Nada nos facultava a divulgação dos pecados de outras pessoas.

As vezes, ouço o argumento de que é preciso agir com firmeza para dar exemplo. Novamente me pergunto: Como agiu Cristo em relação a Judas? Quando o expôs? Em que parte da Bíblia está escrito que Jesus usou o pecado de Pedro como exemplo? Em que lugar das Escrituras está registrado que a mulher adúltera, mencionada em João 8, foi usada como protótipo do que não se deve fazer? Em que momento o Mestre humilhou alguma pessoa, ao divulgar seu pecado?

Não condenar mas salvar

E fundamental que levemos a sério o papel que nos corresponde como Igreja. Acreditamos firmemente que devemos chamar o pecado pelo nome, porém, não temos o direito de humilhar o pecador. Devemos odiar o pecado e amar o pecador. Não devemos admitir o pecado, sob nenhuma de suas formas, porém jamais devemos dar a impressão de que estamos desprezando o pecado junto com o pecador. Tal atitude nos converte em juízes que se esquecem da Lei, que, de acordo com o que está expresso nas Sagradas Escrituras, tem o objetivo de deixar em evidência o pecado a fim de que o pecador, ao descobrir sua falta, possa recorrer a Cristo, o único que pode purificar.

Se a Lei aniquila o pecador, então ela não serve. A Lei deve servir de guia para levar o pecador a Cristo, que é a única solução para o mal, qualquer que seja a forma em que este se manifeste. A síntese máxima da Lei se expressa no amor, não no castigo.

Já vi muitos pecadores serem salvos das garras do pecado. Em todos os casos, sempre há uma conjunção de fatores: paciência, amor, compreensão, firmeza e confiança. Do mesmo modo, já vi muitos deixarem os ca-

minhos do Senhor, e, na maioria dos casos, há outra conjunção de fatores dramáticos: impaciência, intolerância, rancor, incompreensão, covardia para enfrentar a restituição, e desconfiança.

Como igreja, lembremo-nos de que "não é a posição mundanal, nem o nascimento, nem a nacionalidade, nem os privilégios religiosos, o que prova que somos membros da família de Deus; é o amor, um amor que abrange toda a humanidade. ... O ser bondoso com os ingratos e os maus, o fazer o bem sem esperar recompensa, é a insígnia da realeza do Céu, o sinal seguro mediante o qual os filhos do Altíssimo revelam sua elevada vocação".⁷

Ellen White ainda assegura que "o Salvador deu Sua preciosa vida para estabelecer uma igreja capaz de atender aos que sofrem, aos tristes e aos tentados".⁸ Não é outra a tarefa da congregação eclesíastica. Não somos juízes. Não somos parte de um tribunal. A igreja não é um reformatório no qual os resultados são conseguidos por meio do casti-

**Prostitutas, ladrões,
assassinos e demais
rejeitados pela sociedade
aproximavam-se
confiantemente de Cristo. E
a todos esses indivíduos,
Ele tinha uma palavra de
consolo e um caudal de
esperança em Deus.**

go e da humilhação. É uma comunidade de encontro com o Senhor, onde o poder do Espírito Santo deve atuar para suscitar mudanças inimagináveis, se o permitirmos.

É muito difícil aprender a repreender sem prejudicar ou ferir. Todavia, nada é mais necessário num mundo onde o erro cada dia adquire maior relevância.

O poder do Espírito Santo é o mesmo ontem e hoje. Por que não nos atrevemos a crer que o Espírito pode restaurar o pecador?

Referências:

1. Ellen White, *Obreiros Evangélicos*, pág. 30.
2. Viktor Frankl, *El Hombre en Busca de Sentido*, Barcelona, pág. 54.
3. Salim Japas, *Herejia, Colón y la Inquisición*, págs. 38 a 50.
4. Edward Burman, *Los Secretos de la Inquisición*, Barcelona, págs. 67 e 149.
5. Harold Kushner, *Quién Necesita a Dios?* Buenos Aires, pág. 113.
6. Ellen White, *Educação*, pág. 80.
7. _____, *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 66.
8. _____, *A Ciência do Bom Viver*, pág. 73.

Filhos de pastores e apostasia

CAROLE BROUSSON ANDERSON
*Ph.D., psicóloga e esposa de pastor em British
 Columbia, Canadá.*

Nem todos os filhos de pastores escolhem permanecer na igreja. Preocupada com o fato, decidi tentar descobrir as razões pelas quais ele ocorre, e realizei uma pesquisa entre mais de 900 adultos que foram filhos de pastores. Seiscentas pessoas responderam. As respostas foram divididas em dois grupos: um, composto por aqueles que não desejam ser identificados como adventistas, embora alguns dentre esses se considerem cristãos; e outro que ainda permanece ligado à Igreja Adventista. Em seguida, analisei as respostas para identificar possíveis questões que poderiam nos ajudar a compreender porque alguns filhos de pastores deixam a igreja, e outros nela permanecem.

Surpreendentemente, as questões tinham mais a ver com a percepção dos filhos em relação aos pais e sua maneira de agir, do que com a Igreja como um todo.

Os que ficam

Como aqueles filhos de pastores que permanecem na igreja, vêm seus pais? O resultado da minha pesquisa revela cinco modos de percepção.

1. Amor paternal e apoio. Quando interrogados sobre o que pensavam ter sido o fator mais influente para sua permanência na igreja, os filhos, em sua maioria, identificaram o amor dos pais e o apoio recebido. Um entrevistado mencionou: "Minha mãe e eu raramente nos víamos olho a olho. Mas eu era



suficientemente importante para que ela trabalhasse nosso relacionamento, mesmo quando eu ainda era muito rebelde e muito imaturo. Finalmente, minha mãe venceu a batalha. Se minha mãe desistisse de ter esperança em mim, nem Deus teria." Aqui está uma pessoa que poderia transferir o amor e a paciência maternas para sua compreensão de Deus.

O amor e apoio dos pais podem ser materializados de muitas maneiras. Uma delas é o tempo passado juntos. Um pai pode estabelecer como prioridade ficar em casa durante as manhãs, para brincar com seus filhos pré-escolares. Outro pode fazer do desjejum uma ocasião especial para a família, durante a qual todos sempre estarão juntos. Isso sem falar no período de férias anuais.

2. Liberdade de escolha. Um segundo fator, citado como fundamental para a permanência na igreja, foi a liberdade de esco-

lha que os pais davam a seus filhos. Sem forçar nem manipular suas idéias e opiniões, mas orientando-os gentilmente quando se fazia necessário, os pais os encorajaram a serem eles mesmos, fazendo escolhas, tomando decisões, e desenvolvendo seu relacionamento pessoal com Jesus. Um jovem

descreveu os pais como sendo "maravilhosos e consistentes em seu papel de modelo". "Eles incentivaram-me a tomar decisões", disse ele, "en-

O exemplo dos pais é o fator mais determinante na proteção dos filhos de pastores contra a apostasia.

quanto providenciavam forte direção. Sua aproximação era firme e gentil. Nunca senti necessidade de rebelar-me porque suas crenças não eram impostas a mim. Hoje sou capaz de desenvolver meu próprio relacionamento com Deus e reconhecer o valor da maneira como fui criado."

3. Construção de auto-estima. Esse é um outro significativo item citado por filhos de pastores que ainda permanecem na igreja. "Meus pais não são perfeitos", disse um deles, "mas sei que posso contar com eles. Eles sempre me fazem sentir querido e mais importante que qualquer outra coisa, incluindo os programas da igreja. Meu pai tira tempo para ficar comigo. Isso me fornece um bom quadro de Deus como meu Pai celestial. Amo aos dois."

Esses pais foram hábeis para estabelecer uma linha definida entre trabalho e família. Os requerimentos da igreja não eram a maneira de comunicar e ser com suas crianças.

4. Modelo. Alguns filhos de pastores expressavam sentimentos positivos em relação à Igreja, mencionando seus pais como modelos de um relacionamento genuíno, vibrante e crescente com Deus. Eles sentiram que a religião de seus pais não era uma afetação, e compreendiam que seus pais praticavam o que pregavam. Não havia hipocrisia em sua fé, e sua vida não era uma fachada. Era algo real. Mesmo quando as coisas eram difíceis e nem tudo parecia perfeito na igreja, seus pais admitiam a imperfeição e encorajavam os filhos a focalizarem em Jesus Cristo.

O filho chegou a relatar como o pai finalmente encontrou o evangelho. O garoto tinha 16 anos e testemunhou a mudança e o crescimento de seu pai, na graça e no rela-

cionamento com o Senhor. A abertura paterna à mudança e ao crescimento representou uma experiência positiva e transformadora nos filhos adolescentes.

Uma outra menina revelou-se agradecida pelas orações do pai e a consistência de sua mãe. "Meu pai", disse ela, "gastava horas e horas orando por mim. Quando eu era tentada a fazer alguma coisa errada, não podia ir adiante porque sabia que meu pai estava orando

por mim. Achava estranho isso. Minha mãe era uma pessoa firme. Juntos, eles me mostraram uma religião operosa, real e genuína."

5. Comunicação aberta. Isso ajuda na apreciação dos valores religiosos. "Nós conversamos muito", disse um filho que continua amando a Igreja. "Como uma família, nós discutimos toda sorte de coisas. Durante a hora da refeição, do lazer, do culto, em qualquer tempo, há comunicação aberta em nosso lar. Isso contribuiu muito para que apreciássemos os valores religiosos que meu pai pregava." Outro jovem, descrevendo o que tornava seu lar tão positivo, disse: "O fato de que posso falar com meu pai em qualquer hora, e ele nunca está ocupado demais para ouvir minhas preocupações. Ele até interrompe alguns telefonemas por nossa causa." Comunicação quebra barreiras e constrói relacionamentos.

Os que saem

Quais eram algumas das percepções verificadas entre os filhos que não permaneceram na Igreja Adventista, na qual eles cresceram? Cinco fatores são destacados como os mais comuns. E, novamente, eles traduzem mais o que foi verificado nos pais do que na Igreja.

1. Expectativas. Os filhos de pastores que deixam a igreja mencionam, freqüentemente, as expectativas sobrenaturais que recaem sobre eles, tanto da parte dos pais como da parte da congregação. Tais expectativas aparecem sempre juntas a um lar demasiadamente estrito, no qual a religião é forçada e onde existe muito pouca liberdade.

A família foi ensinada a destacar o comportamento exterior.

"Meu pai era muito rígido", garantia um filho ao descrever sua situação, "nós nem mesmo podíamos visitar uma outra igreja adventista em nossa região, com nossos amigos, se isso não fosse algum requerimento escolar. Era também muito estrito. Em sua visão nós éramos o exemplo. Fazia todas as nossas escolhas, sufocando meu crescimento independente e confiante."

Outra jovem explicou sua própria experiência da seguinte forma: "Eu era uma estudante classe A. Nunca tive problemas. Mas sempre que eu fazia alguma coisa que eles não aprovavam, vinham quentes sobre mim. Não me foi dada uma chance de descobrir Deus. A religião me foi imposta, e eu não poderia fazer a diferença entre crença e pretensão."

2. Autoritarismo. As expectativas extras e performance perfeccionista, requeridas desses filhos, fizeram brotar neles o sentimento

de que Deus não os aceita, não os ama, tampouco os salva se o seu comportamento não estiver à altura. "Não posso aceitar isso", diz um deles. "É uma maneira dura, ditatorial, pela qual cada coisa certa é imposta e cada erro percebido é punido. Sei que Deus não é um ditador tentando surpreender você no erro." Notemos outro testemunho: "Eu cresci sob o autoritarismo. Uma nuvem negra pairava sobre mim cada segundo. Cada momento era contado para a eternidade, e eu estava extremamente cômico de minha vida a cada instante. Minha visão de Deus era que Ele me aceitaria, somente quando eu me comportasse adequadamente."

3. Perda de prioridade. Muitos dos filhos de pastores que deixaram a Igreja perceberam que seus pais colocavam em mais elevada prioridade seu trabalho, do que sua família. Havia muito pouco tempo dedicado à família. As crianças foram educadas para sentir que a Igreja deveria vir primeiro. "Eu dificilmente via meu pai, e quando ele finalmente aparecia em casa, seu papel era punir-me por algo que eu tinha feito horas antes. Gostaria que ele tivesse colocado nossa família na mesma base que a Igreja. Não conheci meu pai, e ainda não conheço", foi o testemunho de um filho de pastor.

4. Hipocrisia. Religião hipócrita, na vida dos pais, foi outro fator destacado por filhos de pastores que deixaram a Igreja. Um deles mencionou que quando seu pai estava diante de membros da sua igreja, comportava-se como um cristão modelo – gentil e amável. No entanto, quando tratava com a esposa e com os filhos, era impaciente, imperdoável e cruel.

5. Abuso. Também abuso físico ou mental sofrido durante a infância, da parte dos pais, foi citado como razões para que os filhos de pastores tivessem deixado a Igreja. Alguns citaram ainda experiências desapontadoras com membros e líderes da igreja.

Uma lição

Esses relatos, por mais amargos que possam parecer, refletem uma situação real em nossos lares e igrejas. Eles podem representar uma grande ajuda

Muitos filhos apostatados se queixaram de que os pais colocavam o trabalho em primeiro lugar, em detrimento da própria família.

para as famílias pastorais, no relacionamento com seus filhos, e para as congregações, no trato com suas crianças. Embora os filhos de pastores não possam estar absolutamente protegidos de todas as pressões e experiências negativas inerentes ao pastorado, essas

podem ser minimizadas; e as experiências positivas podem ser destacadas.

De acordo com muitos filhos, o compromisso paternal no sentido de desenvolver um forte relacionamento com eles é altamente significativo. Esse compromisso significa que os pastores deveriam deixá-los saber que, a despeito de todos os negócios e imprevistos da vida pastoral, eles tomarão tempo para os filhos, colocando-os como item número um na lista de prioridades.

Os pais jamais devem relacionar o comportamento de seus filhos ao papel pastoral, à sua reputação, nem mesmo à avaliação do amor de Deus. Um lar aberto à comunicação livre, discussão, e exploração de idéias e crenças, dando às crianças a liberdade para aprender por si mesmas e fazer escolhas apropriadas, aumentará a possibilidade dos filhos fazerem decisões semelhantes às dos pais, na vida secular e religiosa.

VEM AÍ O I CONGRESSO BRASILEIRO ADVENTISTA DE SAÚDE

LOCAL:

**Instituto
Adventista de
Ensino
São Paulo**

DATA:

**29 de janeiro a
2 de fevereiro
de 1997**

**TEMA: "MARCOS DIFERENCIAIS PARA UM NOVO
ENFOQUE EM SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA"**

PÚBLICO ALVO: Médicos, enfermeiros,
psicólogos, nutricionistas, odontólogos,
fisioterapeutas, bioquímicos, estudantes e
demais interessados

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES: Instituto Adventista de
Ensino - São Paulo, Departamento de Extensão
Cultural e Universitária
Estrada de Itapeperica, 5859 - CEP 05858-001, São Paulo, SP
Telefone: (011) 5511-4011 Ramais 3044, 3045, 3129
FAX (011) 5511-6169 e 5511-1668
Internet: *instadve@eu.ansp.br*

PROMOÇÃO: Departamentos de Saúde da Divisão
Sul-Americana e das Uniões Brasileiras da Igreja
Adventista do Sétimo Dia.

**PARTICIPAÇÃO DE RENOMADOS CONFERENCISTAS DO
BRASIL E DO EXTERIOR**

BIBLIOTECA DO PASTOR



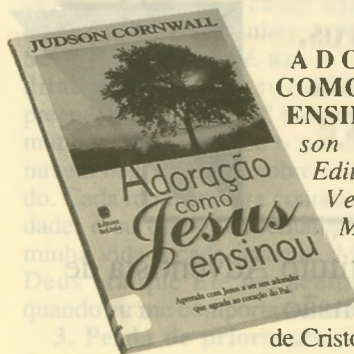
GRUPOS FAMILIARES E O CRESCIMENTO DA IGREJA – Paul Yonggi Cho, Editora Vida, São Paulo; 192 páginas.

Neste livro, o autor relata como foi levado ao dinâmico princípio de crescimento da igreja através dos grupos familiares. Ele fornece detalhes de tudo o que é preciso conhecer a fim de que grupos funcionem de fato. O Dr. Paul Yonggi Cho é pastor da Igreja Central do Evangelho Pleno, em Seul, Coréia. Sua congregação já passa dos 150 mil membros. Ele a descreve como a menor e também a maior do mundo.



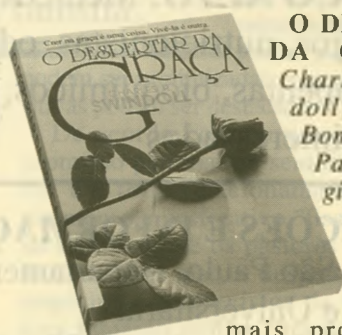
MULHER SEM NOME – Nancy Gonçalves Dusiek, Editora Vida, São Paulo; 96 páginas.

O que faz a mulher sem nome? Que importância tem ela na sociedade? Essas e outras perguntas são respondidas neste livro. O propósito da autora não é levantar uma bandeira ativista em favor da esposa do pastor, mas levá-la a glorificar a Deus em sua vida, seu trabalho e seu lar. Nancy trata dos principais assuntos relacionados com a mulher, especialmente a esposa do pastor, conscientizando-a da missão recebida de Deus.



ADORAÇÃO COMO JESUS ENSINOU – Judson Cornwall, Editora Betânia, Venda Nova, MG; 190 páginas.

Os ensinamentos de Cristo sobre o louvor e a adoração se fizeram mais por Seus atos do que por palavras. A maneira como Ele recebia ou rejeitava a adoração prestada por alguém, e Sua própria atitude em relação ao Pai, nos traz uma verdade preciosa: Deus anseia ser adorado por Seus filhos. Em *Adoração Como Jesus Ensinou*, encontramos respostas para muitas perguntas relacionadas com o louvor. Descobrimos também como oferecer aquilo que Deus deseja. É uma leitura imprescindível para todo cristão, principalmente pastores, líderes e pessoas envolvidas com o louvor e a adoração na igreja.



O DESPERTAR DA GRAÇA – Charles R. Swindoll, Editora Bompastor, São Paulo; 383 páginas.

No que alguns imaginam ser o seu livro mais profundo até hoje, Charles Swindoll é suave. *O Despertar da Graça* é um livro ousado, perceptivo. E aponta bem no alvo. Mas, acima de tudo, é um livro de esperança, que nos faz ir além da frustração e da culpa de tentar agradar outros, chegando até a graça maravilhosa e libertadora de Deus. Para o número crescente de pessoas que sente que a vida deve ser mais do que uma religião rígida e pesada, *O Despertar da Graça* oferece uma alternativa gloriosa: a verdade que liberta.